



The Bard News®



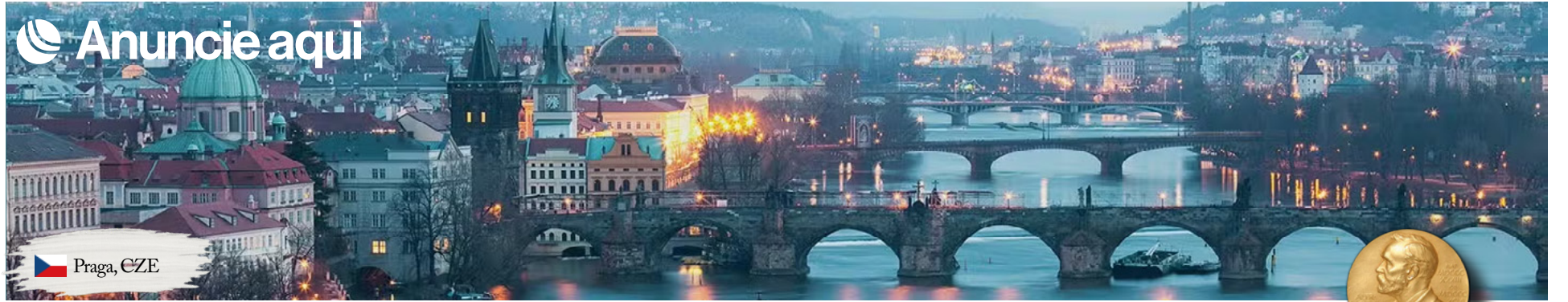
Fundador - J.B Wolf

Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

Franz Kafka Pag A2

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Saúde & Bem-Estar | Opinião | Ciência & Tecnologia | Crítica

VOL. II / Jornal No. 8, ABRIL 08, 2026



Identidade Cultural:

Do Artesanato Brasileiro

Por Beth Baltar
COLUNISTA

Mesmo com a enorme heterogeneidade cultural do Brasil, o artesanato aparece como um fio que une regiões, revelando, em cada peça, o diálogo entre técnicas tradicionais, materiais locais e heranças indígenas, africanas, europeias e asiáticas. O artesanato brasileiro como uma expressão milenar da criatividade e da identidade do país, atravessando raças, etnias, tradições, cores e formas.

Leia Mais Pag A16

Trese:

Caçadora de Demônios para adultos

Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

O texto apresenta "Trese" como uma porta de entrada adulta para o folclore e a sociedade filipina, em contraste com o sucesso mais pop de "K-Pop Demon Hunters". Antes do fenômeno de 2026, a série animada "Trese" (2021), adaptada das HQs de Budjette Tan e Kajo Baldissimo, já oferecia uma protetora da humanidade e mediadora entre o mundo humano e o sobrenatural em Manila.

Leia Mais Page A12

COMPORTAMENTO



Cyberbullying

Por Cláudia Faggi
COLUNISTA

O artigo trata do cyberbullying como uma forma de violência emocional que acompanha adolescentes para além dos muros da escola, invadindo o quarto, o celular e a madrugada.

Leia Mais Pag A22

NR-1 e Saúde Mental: O Fim da Voluntariedade nas Empresas



Por Aline A. Santana
COLUNISTA

SAÚDE & BEM-ESTAR

O artigo analisa como a nova redação da NR 1 altera de forma profunda o lugar da saúde mental no mundo do trabalho brasileiro. A partir de maio de 2026, a fiscalização passa a cobrar, de maneira efetiva, a inclusão dos riscos psicossociais, como estresse ocupacional, assédio moral, burnout e violência organizacional no Gerenciamento de Riscos Ocupacionais (GRO) e no Programa de Gerenciamento de Riscos (PGR).

Leia Mais Pag A24

LITERATURA



Leonardo da Vinci e a Inquietude Criativa:

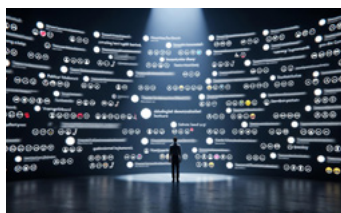
O Mundo como Objeto de Fascínio

Por Stella Gaspar
COLUNISTA

O ensaio levanta a hipótese de que alguns traços de Leonardo dialogam com o que hoje chamamos de TDAH: saltos frequentes entre projetos, hiperfoco em temas de interesse, dificuldade de concluir certas obras porque uma nova pergunta já o capturara

Leia Mais Pag A13

CULTURA



O Perigo da Cultura de Cancelamento:

Intolerância Disfarçada de Virtude

Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

O texto analisa a chamada cultura de cancelamento como um fenômeno que se apresenta com aparência de virtude, defesa de valores, vigilância ética, justiça moral, mas que, na prática, frequentemente reproduz pressa em julgar, ausência de escuta e prazer em condenar publicamente.

Leia Mais Pag A17

FILOSOFIA



A Alma Imortal:

Por Que Esse Debate Ainda Nos Fascina.

Por Magna Aspásia
COLUNISTA

O texto mostra como diferentes religiões (cristianismo, budismo, hinduísmo) afirmam a continuidade da consciência após a morte, seja como vida espiritual, seja como renascimento, e como o espiritismo, na figura de Chico Xavier, descreve a morte como passagem do corpo físico ao corpo espiritual.

Leia Mais Pag A18



Os ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



1907

Rudyard Kipling
(Reino Unido)



1908

Rudolf Christoph Eucken
(Alemanha)



Leia Mais Pag A10 e A11

COMPORTAMENTO



O Retorno à Natureza:

Benefícios Mentais do Verde em Rotinas Urbanas

Por Drika Gomes
COLUNISTA

O texto de Drika Gomes explora como ambientes urbanos hiperestimulantes mantêm o cérebro em estado de alerta contínuo, gerando desgaste neurofisiológico, enquanto o contato com a natureza tem efeito regulador profundo sobre o sistema nervoso.

Leia Mais Pag A22

CULTURA

O resgate da cultura clássica: Homero, Virgílio e Dante ainda importam?

Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Pag A17

FILOSOFIA

A Literatura Como Defesa da Liberdade no Ocidente

Por Clayton Zocarato
COLUNISTA

Pag A14

EDUCAÇÃO

O Professor como Autoridade: Um Modelo Subestimado

Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Pag A19

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



PARTICIPE!

Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao SITE e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição no quadro "REFLEXÕES & COMENTÁRIOS"





Franz Kafka, o escritor que deu forma ao labirinto do mundo moderno



 Praga, CZE

LITERATURA - Leia no site

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



Entre a fragilidade íntima, o peso do pai, a burocracia sem rosto e a angústia de existir, a obra de Franz Kafka continua a iluminar as zonas mais sombrias da experiência humana. Mais de um século depois, sua literatura permanece viva porque ainda sabemos, em maior ou menor medida, o que significa ser julgado sem entender a acusação, buscar uma porta que nunca se abre e tentar conservar a própria humanidade em um mundo que insiste em reduzi-la.

Franz Kafka e a invenção literária do desamparo



Há escritores que narram o seu tempo. Há outros que conseguem ultrapassá-lo e tocar um núcleo mais fundo, menos visível e mais duradouro da condição humana. Franz Kafka pertence a esse segundo grupo. Sua obra não é extensa se comparada à de outros gigantes da literatura, mas a intensidade de sua escrita, a singularidade de sua visão e a permanência de seus temas fizeram dele um dos autores mais decisivos da modernidade. Kafka não apenas escreveu grandes livros. Ele criou uma linguagem para nomear o mal estar do homem diante de estruturas impessoais, de culpas imprecisas, de poderes opacos e de uma realidade que parece funcionar segundo regras que ninguém consegue compreender por inteiro.

Ao longo do tempo, seu nome deixou de identificar apenas um autor para se tornar uma espécie de diagnóstico do mundo. O adjetivo kafkiano entrou no vocabulário comum porque a experiência que ele descreveu em seus textos se tornou reconhecível muito além da literatura. O cidadão esmagado por repartições incompreensíveis, o indivíduo acuado por instituições que não explicam suas decisões, a pessoa que se sente culpada sem saber por quê, o homem reduzido a peça substituível de uma engrenagem sem rosto, tudo isso passou a carregar a marca de Kafka. Há, nessa permanência, um feito raro. Sua obra continua atual não porque o mundo permaneça idêntico ao de sua época, mas porque as formas de

opressão e estranhamento que ele registrou continuam a se renovar sob novos disfarces.

Nascido em 1883, em Praga, então integrada ao Império Austro-Húngaro, Kafka viveu desde o início em uma condição de fronteira. Era judeu, escrevia em alemão e habitava uma cidade de maioria tcheca. Sua vida se desenrolou, portanto, em um espaço marcado por deslocamentos identitários, tensões culturais e sensação de pertencimento incompleto. Essa experiência não deve ser lida apenas como dado biográfico. Ela ajuda a compreender o modo como sua literatura encena o desencontro entre o sujeito e o mundo. Em Kafka, os personagens raramente estão em casa. Mesmo quando permanecem em ambientes familiares, como o quarto de Gregor Samsa ou os corredores de tribunais e repartições, tudo parece estrangeiro. O chão nunca é totalmente firme. A realidade nunca é inteiramente hospitaleira.

O peso do pai, a culpa e a formação de um imaginário

Se a cidade lhe deu o sentimento do desenraizamento, a família lhe deu um dos conflitos centrais de sua sensibilidade. A relação com o pai, Hermann Kafka, foi decisiva. Forte, autoritário, expansivo e muitas vezes esmagador, o pai se tornou para Franz uma figura de poder diante da qual ele se percebia diminuído, frágil e incapaz de corresponder às expectativas. Essa tensão alcança expressão máxima na célebre Carta ao Pai, texto em que Kafka realiza uma espécie de acerto de contas intelectual e emocional com a origem de muitos de seus medos, culpas e sentimentos de inadequação.

A carta é um documento íntimo, mas também uma chave de leitura. Nela se vê com nitidez como a autoridade, para Kafka, está ligada não ao amparo, mas ao julgamento. O pai aparece como medida inalcançável, como instância que acusa, humilha e impõe ao filho a experiência de insuficiência permanente. Essa estrutura reaparece, sob outras formas, em sua ficção. O poder, em Kafka, quase nunca é plenamente visível, mas seus efeitos são devastadores. Ele age por meio da distância, da opacidade, do silêncio e da impossibilidade de defesa. Seus protagonistas se movem em universos onde há normas, mas as normas não são inteiramente ditas; há culpa, mas não se conhece o crime; há autoridade, mas ela nunca se apresenta de forma clara e humana.

Essa dimensão ajuda a entender por que a culpa ocupa lugar tão central em sua obra. Não se trata apenas de culpa moral. Trata-se de uma culpa difusa, existencial, anterior até mesmo a qualquer ato específico. O sujeito kafkiano parece já entrar em cena em posição de devedor, de acusado, de alguém que precisa justificar sua presença no mundo. Essa condição, ao mesmo tempo íntima e social, é uma das razões pelas quais sua literatura continua a falar tão intensamente ao leitor moderno. Em sociedades organizadas por avaliações permanentes, por filtros institucionais e por exigências que nunca cessam, a sensação de insuficiência descrita por Kafka permanece dolorosamente familiar.

A burocracia como destino e a literatura como revelação

Kafka formou-se em direito e trabalhou durante anos em uma companhia de seguros contra acidentes de trabalho. Essa experiência profissional não foi um detalhe lateral. Ela o colocou em contato direto com a linguagem dos relatórios, das normas, das exigências administrativas e das engrenagens de um mundo em que a vida humana passa a ser mediada por formulários, procedimentos e instâncias abstratas. Poucos escritores souberam perceber com tanta precisão a dimensão existencial da burocracia.

Em O Processo, talvez seu romance mais emblemático, Josef K. é preso e processado sem saber do que é acusado. A partir daí, tudo se transforma em percurso opaco, em busca

inútil por explicações que nunca chegam, em contato com funcionários que participam do sistema, mas não o esclarecem. O tribunal existe, age, decide e destrói, mas nunca se oferece plenamente à compreensão. O protagonista tenta se defender em um cenário no qual a defesa parece, desde o início, condenada à esterilidade.

Esse romance não é apenas uma crítica às instituições. É uma anatomia do desamparo. Josef K. não está diante de um inimigo simples, visível e nomeável. Está diante de um mecanismo que parece conter em si a própria lógica do mundo. E é justamente esse tipo de experiência que torna Kafka tão contemporâneo. Em muitas situações da vida moderna, o sujeito não enfrenta uma pessoa, mas um sistema. Não discute com um rosto. Discute com protocolos, plataformas, automatismos e decisões cuja origem se perde em camadas de mediação. O que Kafka percebeu com extraordinária antecedência foi que a opressão moderna não depende apenas da violência direta. Ela pode operar com suavidade formal, com aparência de ordem, com vocabulário técnico e com aparente neutralidade.



Em O Castelo, o mesmo princípio é levado a outra configuração. O agrimensor K. chega a uma aldeia dominada por um castelo cujas autoridades regulam a vida local, mas permanecem quase sempre fora de alcance. O personagem tenta aproximar-se, obter reconhecimento, compreender as regras, encontrar um lugar. Mas tudo se dá em regime de adiamento. A comunicação falha, os acessos são bloqueados, as respostas nunca chegam de modo conclusivo. A experiência central do romance é a da busca frustrada por legitimidade em um universo que administra a exclusão com rotina e naturalidade.

Já em A Metamorfose, Kafka desloca sua atenção para o espaço doméstico, mas sem abandonar a crueldade estrutural que marca seus outros textos. Gregor Samsa acorda transformado em um inseto monstruoso. O evento é absurdo, porém o que mais impressiona não é a transformação física. É a maneira como ela passa a organizar a relação entre Gregor e sua família. Antes sustentáculo econômico da casa, ele se torna obstáculo, vergonha, peso. A desumanização se instala pouco a pouco, por

meio do olhar dos outros, da perda da linguagem, da inutilidade social. Kafka mostra, com precisão devastadora, o quanto o valor de uma vida pode ser condicionado à sua função. Quando Gregor deixa de produzir, deixa também de ser reconhecido em sua dignidade.



A sofisticação de um estilo que recusa o excesso

Uma das marcas mais impressionantes de Kafka está no contraste entre a radicalidade do que narra e a sobriedade de sua linguagem. Seu estilo é limpo, controlado, preciso. Não há excesso ornamental, nem sentimentalismo fácil, nem dramatização desnecessária. O extraordinário entra em cena com naturalidade. O pesadelo é narrado como se fosse rotina. E justamente por isso o efeito é mais perturbador. Kafka compreendeu que o horror moderno não precisa de trombetas. Ele pode chegar de modo administrativo, silencioso, quase banal.

Essa economia verbal é uma das razões da força de sua obra. O leitor não é conduzido por explosões emocionais explícitas, mas por uma atmosfera crescente de desconforto. Tudo parece razoável em um primeiro momento, até que se percebe que a lógica em funcionamento é absurda. A clareza da frase, em vez de apaziguar, intensifica a estranheza. Kafka cria vertigem com disciplina. Seu texto não grita. Aperta.

Por trás dessa contenção, no entanto, há enorme densidade humana. Kafka não foi um escritor do conceito vazio. Sua literatura nasce de uma experiência íntima de fragilidade, de medo, de autoobservação extrema. Os diários e cartas revelam um homem severo consigo mesmo, consumido por dúvidas, dilacerado entre desejo de proximidade e impulso de retraimento, entre vocação literária e sentimento de inadequação perante a vida prática. Essa dimensão pessoal não reduz sua obra à biografia, mas lhe dá espessura. Kafka escrevia a partir de um ponto de dor real. E talvez seja essa autenticidade da ferida que impede seus textos de se tornarem apenas exercícios intelectuais.

O homem, o mito e a permanência de Kafka

Kafka morreu em 1924, aos 40 anos, vítima de tuberculose. Em vida, publicou pouco e

foi atormentado por inseguranças profundas. Pediu a seu amigo Max Brod que destruísse os manuscritos que deixara. Brod desobedeceu. Foi graças a esse gesto que o mundo conheceu obras fundamentais da literatura do século vinte. Há algo de profundamente irônico e até mesmo kafkiano nesse destino. Um autor que duvidava tanto de si tornou-se um dos pilares centrais da tradição literária moderna.

Sua influência ultrapassou o campo da ficção. Filósofos, juristas, psicanalistas, dramaturgos, cineastas e teóricos da política encontraram em sua obra uma chave poderosa para pensar o sujeito moderno. Kafka se tornou indispensável porque captou algo essencial sobre a forma como o poder se organiza e sobre a forma como o indivíduo é afetado por ele. Em tempos de hiperburocratização, de decisões automatizadas, de plataformas que administram a vida e de relações atravessadas por ansiedade, sua escrita parece menos uma relíquia do passado e mais um retrato persistente do presente.

Mas a permanência de Kafka não se deve apenas ao fato de ele ter antecipado formas modernas de desumanização. Ela também decorre de sua capacidade de tocar zonas íntimas da experiência. Sua obra fala do modo de falhar, do desejo de ser aceito, da vergonha de não corresponder, da sensação de ser estrangeiro em ambientes familiares, da culpa que não encontra nome exato. Por isso, mesmo quando seus personagens se movem em cenários estranhos e por vezes absurdos, reconhecemos neles algo de nós. Kafka continua vivo porque escreveu sobre estruturas sociais, mas também porque escreveu sobre tremores da alma.

Em um tempo que valoriza respostas rápidas, simplificações e discursos de autoafirmação, Kafka permanece como um lembrete perturbador de que a experiência humana é mais opaca, mais vulnerável e mais contraditória do que gostaríamos de admitir. Sua literatura não oferece consolo fácil, mas oferece lucidez. E essa lucidez, ainda hoje, é uma forma rara de grandeza.

Franz Kafka transformou angústia, culpa, burocracia e exclusão em uma literatura que continua profundamente atual.

Sua obra mostra como o poder moderno pode agir de forma invisível, opaca e desumanizante.

Livros como O Processo, O Castelo e A Metamorfose permanecem vivos porque falam de experiências ainda reconhecíveis no presente.

Sua força literária está tanto na crítica ao mundo quanto na profundidade humana com que retrata fragilidade, medo e inadequação.



Edições 2026



8ª EDIÇÃO - ABRIL



7ª EDIÇÃO - MARÇO



6ª EDIÇÃO - FEVEREIRO



5ª EDIÇÃO - JANEIRO



Edições 2025

1ª EDIÇÃO - MAIO



2ª EDIÇÃO - JULHO



3ª EDIÇÃO - SETEMBRO



4ª EDIÇÃO - NOVEMBRO



The Bard News

Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Saúde & Bem-Estar | Opinião | Ciência & Tecnologia | Crítica

VOL. II / Jornal No. 8, ABRIL 08, 2026

COLONISTAS FIXOS: Publicados

- J.B Wolf
- Jeane Tertuliano
- Stella Gaspar
- Aline A. Santana
- Renata Munhoz
- Beth Baltar
- Mariana Pacheco
- Clayton Zocarato
- Cláudia Faggi
- Drika Gomes
- Magna Aspásia
- Alexandre Câmara

ANUNCIE:

- Publicidade no Site
- Publicidade no Modelo Impresso em PDF interativo
- Classificados
- Vitrine The Bard News

CONTATO/WHATSAPP: (61) 9 8474-7033



EDITAL SUBMISSÃO:



"O The Bard News é um convite aberto. Envie seu texto, arte ou sugestão e faça parte deste movimento."

EXPEDIENTE

Entre palavras, cores e ideias, The Bard News constrói pontes entre leitores, autores, artistas e o mundo. Aqui, cada edição é feita com paixão, escuta e a certeza de que a cultura transforma.

Edição: Vol II - Jornal Nº 8 - Abril /2026

Direção Geral: J.B Wolf

Editor-Chefe: J.B Wolf

Conselho Editorial: [Lista de membros]

Redação: [Redatores, jornalistas, estagiários]

Coordenação de Arte e Design: Agência The Wolf Bard

Suporte Técnico: [TI e Web]

Contato: redacao@thebardnews.com | Instagram: @thebardnews

Endereço: Brasília - DF

Colaboradores: [Convitados]

Contato para publicações: participe@thebardnews.com

REFLEXÕES & COMENTÁRIOS

Conecte-se: Compartilhe Sua Opinião com o Jornal The Bard News

Este espaço é feito para você! No quadro **“Reflexões & Comentários”**, convidamos nossos leitores a compartilhar comentários, opiniões, reflexões, críticas e elogios sobre temas abordados no jornal. Clique na imagem abaixo, você será direcionado para o post no Site e lá faça o seu comentário. Participe! Deixe a sua Opinião.

Os melhores comentários serão Publicados na próxima edição do Jornal.



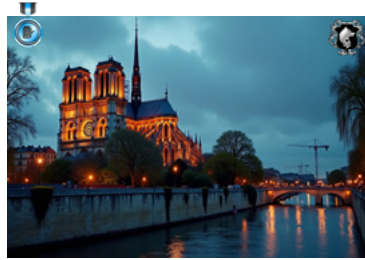
CLIQUE NO POST



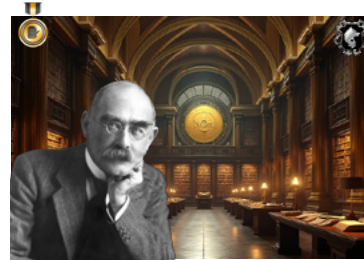
Franz Kafka: o escritor que deu forma ao labirinto do mundo moderno



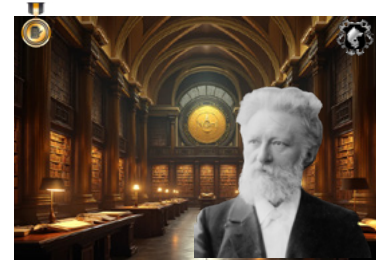
O castelo que nunca cedeu: como Windsor se tornou o eixo invisível do poder britânico



O coração em chamas de Paris: como Notre-Dame sobreviveu a mil anos de fé, revoluções e fogo



Série: Os Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura - Rudyard Kipling: 1907



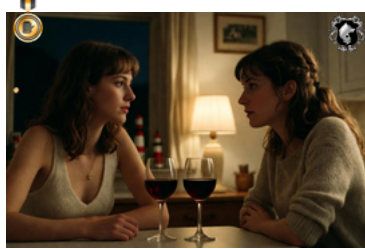
Série: Os Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura - Rudolf Christoph Eucken: 1908



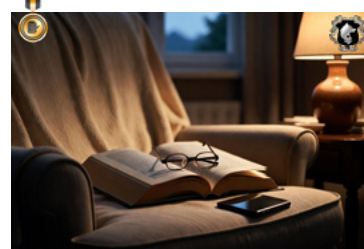
RESENHA: Trese – Caçadora de Demônios para adultos



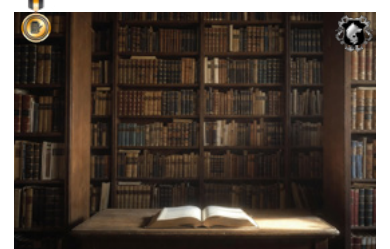
Leonardo da Vinci e a Inquietude Criativa: o Mundo como Objeto de Fascínio



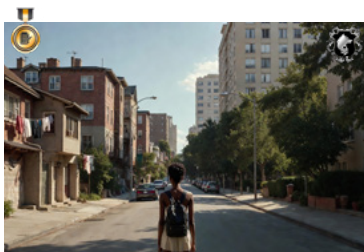
CONTO: O Café Passagem - Capítulo 7: A Vida de Luísa



O fim da leitura profunda: estamos perdendo a conexão com os clássicos?



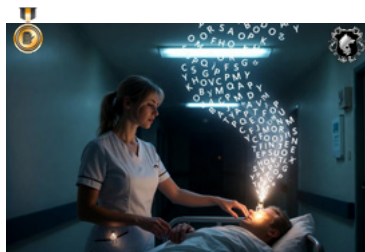
A Literatura Como Defesa da Liberdade no Ocidente



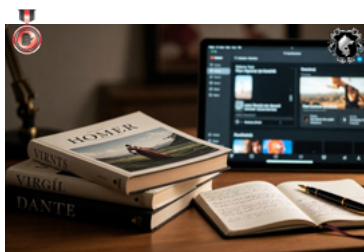
LINHAS CRUZADAS: Joyce e a Temperatura do Mundo



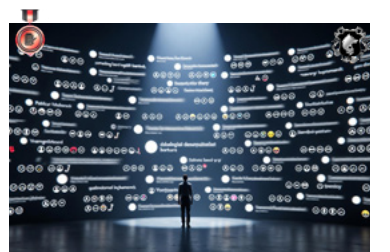
Identidade Cultural Do Artesanato Brasileiro



CONTO: O Colecionador de Suspiros: Capítulo 6º - FIM



O resgate da cultura clássica: por que Homero, Virgílio e Dante ainda importam?



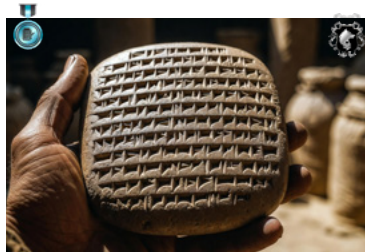
O Perigo da Cultura de Cancelamento: Intolerância Disfarçada de Virtude



A Alma Imortal: Por Que Esse Debate Ainda Nos Fascina



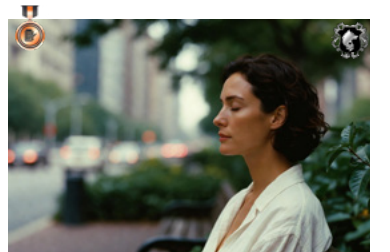
O Professor como Autoridade: Um Modelo Subestimado



A Caneta do Comerciante, não a do Poeta: Desvendando a Origem Administrativa da Escrita



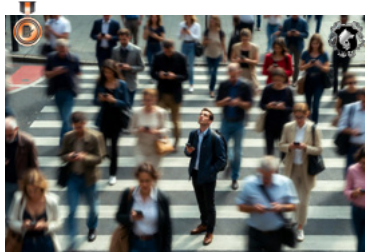
O Papel: A Invenção Silenciosa que Transformou o Conhecimento Humano



O Retorno à Natureza: Benefícios Mentais do Verde em Rotinas Urbanas



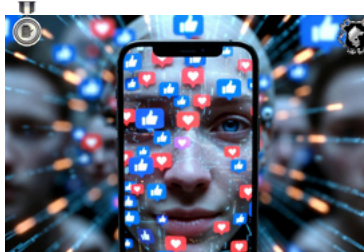
Cyberbullying: o perigo silencioso que afeta a saúde emocional dos adolescentes



Sentir de menos em tempos de demais: quanto vale a sua atenção?



NR-1 e Saúde Mental: O Fim da Voluntariedade nas Empresas



A Intimidade em Praça Pública: Quando o Desabafo Vira Espetáculo e a Terapia se Dilui em Conteúdo



POEMA: Hino às Graças Silenciosas da Existência

LITERATURA

CRÔNICAS

Beethoven não precisa de black tie



POR
Neri Luiz Cappellari



Todos os dias, ele puxa o seu carrinho recolhendo o lixo. Como ele, existem vários coletores de sucata e de outros dejetos. Todos seguem a mesma rotina. A mesma sina de juntar as sobras dos que têm muito e ver através do descarte as suas chances de sobreviver. Entretanto, um deles chamou a atenção. Seu nome não sei, se tem um sobrenome deve ter se perdido entre as sobras de comida achadas no dia a dia. Porém, quando ele surge, ao longe, todos sabemos da sua aproximação. Uma pequena caixa de som, provavelmente recolhida em um canto qualquer, demonstra o seu refinado gosto musical. As músicas de Beethoven, Mozart, Nazareth e os clássicos da Música Popular Brasileira (MPB) são sua marca. Suas melodias o tornam visível, instiga a nossa imaginação e nos faz pensar. Qual é a sua história? O que o levou a deambular pelas ruas?

Existem dezenas de catadores de lixo perambulando pelas cidades todos os dias. Nós já nos acostumamos com sua invisibilidade. Eles percorrem as ruas e é como se habitassem em um planeta diferente do nosso. Nossas histórias se cruzam, mas não se tocam. Nossos olhares se desencontram. Nossas vidas seguem rumos diferentes. Embora passemos

f @neri.cappellari

pelas mesmas calçadas, pelas mesmas ruas, suas pegadas são imperceptíveis ao nosso olhar. Sua dor não nos atinge, seu cheiro nos afasta, sua aparência triste não toca o nosso coração.

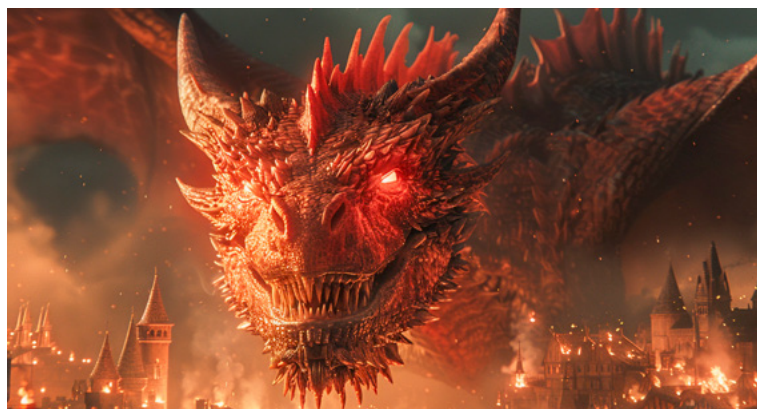
Entretanto, há uma música linda do mais insólito lugar, e soa estranhamente em nossos ouvidos. É como se aquele clássico de Beethoven nos incomodasse. Não pela melodia que soa dentro de nós, mas como Beethoven chegou a esse carrinho de lixo? Por que este mendigo chama tanto a nossa atenção? Para quem tem um ouvido privilegiado, é perfeitamente possível ouvir os belos clássicos de Beethoven, Bach e as músicas do MPB. Para esse homem, sobre quem todas as carências parecem recair, não há limites. Seus ouvidos não conhecem as barreiras erguidas pelos eruditos.

Se, por um lado, estamos acostumados a ouvir os clássicos em um belo teatro, com uma acústica impecável, os homens de black tie, as mulheres trajadas com lindos vestidos, um maestro regendo a orquestra e dezenas de músicos tocando divinamente. Por um outro lado, nos causa estranheza, um clássico vindo sem glamour, sem arautos que anunciam a sua chegada, através de uma caixa de som recolhida em um descarte qualquer.

Um homem pobre passa, todos os dias, desafiando nossas ideias pré-concebidas da elitização de uma música conhecida por poucos. Sua presença desconstrói nossa maneira de pensar, adquirida durante anos, de que uma linda sinfonia é para um público seletivo e restrito.

Sim, esse catador de lixo nos mostra que um som que estimula os nossos ouvidos é muito mais do que um alento para o ego de uma classe mais privilegiada.

Sua visibilidade se dá pelo fato de que ele nos faz enxergar, todos os dias, a socialização de melodias como meio de comunicação. As músicas eruditas de Beethoven, Mozart, Nazareth e os clássicos da MPB estão disponíveis para todos ouvir independentemente do lugar de onde nós viemos. Sejamos ricos ou catadores de lixo. A arte veio para resgatar a nossa dignidade como pessoas, alimentar a nossa alma. Esse catador nos mostra antes de tudo, antes mesmo de sua própria história, que não há lugar intransponível.



Miniconto



Dragon

Sua sombra engoliu a lua,
seu hálito fogo
consumiu o chão,
e assim fez-se medo e
escuridão.

POETA & ESCRITOR
J.B. Wolf

@poetajbwolf

POEMAS

Recomeço

Ao pôr do sol de mais um dia,
o mar se estende em silêncio.
É possível ouvir as ondas que cantam
no gesto imparável de ir e voltar.

Então, meu coração entende:
nada se perde, em tudo se aprende.
Viver é a arte corajosa
de sempre recomeçar.

No céu, o reflexo do mar que acolhe.
Entre o azul profundo
e a fluidez do tempo,
minhas dores encontram abrigo.

E descubro que Deus habita
A paz que se refaz ao entardecer.
Meu olhar se expande no horizonte
e vejo que a vida sabe diminuir o passo
quando é preciso escutar o coração.



POETA
Edna Lessa



@ednalessa_escritora

POEMAS

Hino às Graças Silenciosas da Existência



POETA
J.B. Wolf



@poetajbwolf

Gratidão, ó virtude sublime e esquecida,
que habitas nos recantos humildes da alma,
ensinas ao coração a linguagem sagrada
de reconhecer bênçãos nas pequenas coisas.

És tu quem transforma o pão simples
em banquete de reis agradecidos,
quem faz do orvalho matinal
lágrimas de alegria derramadas pelos céus.

Ó gratidão, mestra da contemplação,
revelas que cada respiração é dádiva,
cada batida do coração uma sinfonia
composta pela generosidade divina.

Nas mãos calejadas que construíram
o teto que hoje me abriga,
vejo tua presença silenciosa
tecendo fios de reconhecimento eterno.

Agradeço aos que partiram antes
por terem plantado árvores cujas sombras
hoje refrescam minha jornada terrena,
por terem sido pontes sobre abismos do tempo.

Gratidão aos que chegaram depois,
trazendo risos que ecoam pelos corredores
da memória, renovando esperanças
que julgava perdidas para sempre.

Que sejas, ó gratidão bendita,
o altar onde deposito diariamente
as flores colhidas no jardim da vida,
perfumando a existência com tua fragrância eterna.

POEMAS

Ainda Pássaro



POETA
Arcely Soares



@ms_arely

Impediram-me de voar,
Mas Eu, sou um pássaro.

Arrancaram-me o ninho,
Mas eu sou um pássaro.

Tentaram calar o meu canto,
Mas eu sou um pássaro!

Escureceram o meu céu,
Mas eu ...sou ...um pássaro.

Embaraçaram o meu pouso,
Mas eu sou um pássaro.

O que quer que façam,
Eu continuo sendo um pássaro.

Com tudo me deparo,
Com nada nunca paro.

POEMAS

Comportamentos diferentes



POETA
Beatriz F. Santos



@biabfsantos

As pessoas mudaram tanto
Ao longo de anos, que não foram séculos
Senão décadas, mas poucas!
O comportamento, as relações, o
isolamento

O sofrimento que, aos outros, é um sorriso
Uma máscara contínua
Uma arrogância que engana
Uma vida que já não é a conta gotas
Onde cabe o sofrimento
E onde este é o peso maior.

Pessoas que se exibem mais do que têm fé
Que não olham, não esperam e não ouvem
Que comportamentos são estes?
Onde a criança dança e fala co estranhos,
A adolescente leva o corpo à mostra

E serve de aposta
O sentimento rompe
E a sociedade aplaude
Que é tudo isto?!
O fim do mundo ou o mundo à beira do
abismo..?



Participe e Publique a sua Arte

CLIQUE AQUI!

REVISTA THE BARD®

Revista Atual lançada - 36ª edição Março e abril



UMA VIAGEM NOS TEMPOS: "A expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano".

[Clique aqui para acessar](#)

Em Processo Editorial - 37ª edição Maio e junho 2026 Lançamento dia 03 de Maio



DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS: "O papel da Tipografia na Democratização da Informação no Brasil"



[Clique aqui para acessar](#)

Edital Aberto - 38ª edição Julho e Agosto 2026 Início dia 01 de Abril | Término dia 16 de Maio



QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER: "O esvaziamento da palavra no século de hiperconexão"

[Clique aqui para acessar](#)

[Site da Revista The Bard](#)

[Edital Aberto](#)

[Instagram](#)

[Canal no Instagram](#)

[Canal no Whatsapp](#)

[Clique aqui para acessar](#)

[Clique aqui para acessar](#)

[Clique aqui para acessar](#)

[Clique aqui para acessar](#)

[Clique aqui para acessar](#)



CASTELOS & CATEDRAIS

O Castelo que nunca cedeu: Como Windsor se tornou o eixo invisível do poder britânico

ARTE & ARQUITETURA

Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

“De fortaleza normanda a vitrine de monarquia global: mil anos de poder sob as mesmas pedras.”



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/03/2026"

destruiu ou danificou mais de cem aposentos de Windsor, incluindo a Capela Privada. As imagens do fogo devorando o interior do castelo correram o mundo. De repente, a monarquia parecia não apenas antiga, mas frágil e cara. Em meio à crise, a polémica sobre quem pagaria a reconstrução – o Estado ou a família real – abriu um debate mais amplo sobre o custo da instituição. A solução, parcialmente, foi pragmática: a abertura de áreas do castelo para visitação paga ajudou a financiar a restauração. A fortaleza que um dia serviu para manter o povo do lado de fora passou a depender, em parte, do fluxo contínuo de turistas para se manter de pé.



Hoje, Windsor é um organismo vivo onde tradição e gestão de imagem caminham lado a lado. Casamentos reais, funerais de Estado e recepções oficiais continuam ocorrendo em seus salões, com cada cerimonial milimetricamente pensado para reforçar uma narrativa de continuidade. Ao mesmo tempo, a presença constante de visitantes, câmeras e smartphones impõe uma transparência inédita. As pedras que um dia intimidavam súditos agora precisam seduzir turistas e convencer contribuintes de que mantê-las é um investimento cultural, não apenas um privilégio aristocrático.



tabuleiro defensivo. A estratégia era simples e brutal: cercar Londres com fortalezas capazes de sufocar qualquer tentativa de revolta anglo-saxã. Windsor, erguido sobre uma elevação que domina uma curva do Tâmesa, controlava rotas fluviais e terrestres vitais. No início, era um típico castelo de motte-and-bailey, com estruturas de madeira que logo se revelariam frágeis demais para um reino em constante tensão. Não demorou para que a madeira fosse substituída por pedra, sinal de que os normandos não pretendiam ir embora.

Mas a imagem de solidez nem sempre correspondeu à realidade política. Durante a Guerra das Rosas, no século XV, Inglaterra se dividiu entre as casas de York e Lancaster. Windsor, embora menos diretamente atacado do que outros castelos, tornou-se símbolo de um poder real contestado. A fortaleza que vigiava o vale do Tâmesa era também um lembrete incômodo de que a estabilidade, no reino inglês, nunca esteve garantida. A monarquia sobreviveria, mas o preço seria alto.

com o conforto necessário para receber monarcas estrangeiros e líderes políticos. Ali, a arquitetura medieval passou a servir a uma diplomacia moderna. Receber um chefe de Estado em Windsor era, e ainda é, um gesto calculado: a mensagem é que ele está sendo admitido no coração simbólico do sistema.



Se as muralhas já não eram necessárias contra catapultas, serviriam para outros inimigos. Durante a Segunda Guerra Mundial, Windsor assumiu um papel menos visível, mas crucial. Com Londres sob bombardeio constante da Luftwaffe, o castelo foi discretamente preparado para abrigar a família real em caso de emergência. A jovem princesa Elizabeth, futura Elizabeth II, passou parte da guerra ali, em relativa segurança, distante do fogo direto mas suficientemente próxima para sentir o peso de um império em risco. A imagem de um castelo medieval abrigando a linhagem que ainda representava milhões de súditos ao redor do mundo é um daqueles símbolos que condensam séculos de história em um só quadro.



Do ponto de vista do arqueólogo e do historiador, caminhar por Windsor é percorrer um palimpsesto: sob cada reforma vitoriana há um traço normando; por trás de cada detalhe gótico revivido há uma necessidade moderna de reforçar o mito da monarquia ininterrupta. A fortaleza original, erguida para controlar uma terra conquistada, deu lugar a um símbolo de estabilidade constitucional numa monarquia que hoje governa mais pelo que representa do que pelo que decreta. E talvez seja exatamente por isso que Windsor permaneceu relevante: porque entendeu, ao longo dos séculos, que o poder que resiste não é só o das muralhas, mas o da capacidade de se reinventar sem admitir que mudou.

Durante quase mil anos, o Castelo de Windsor observou, de cima de sua colina sobre o Tâmesa, o nascimento e a transformação de um império. Resistiu a guerras civis, bombardeios e incêndios devastadores, viu reis depostos, rainhas idolatradas e uma monarquia inteira aprender a sobreviver à era da opinião pública. Mais do que um cartão-postal real, Windsor é hoje o coração silencioso de um sistema de poder que ainda se reinventa sob as mesmas pedras erguidas por Guilherme, o Conquistador.



A cerca de trinta quilômetros de Londres, uma massa de pedra domina a paisagem de Berkshire desde o século XI. Para o turista, o Castelo de Windsor é um cenário impecável: bandeiras que se erguem no topo da torre redonda, guardas perfilados, gramados milimetricamente aparados. Para o historiador, porém, ele é algo mais denso: uma linha contínua de poder que atravessa quase um milênio de conflitos, reformas e adaptações políticas. Windsor é o raro exemplo de fortaleza medieval que nunca saiu de cena, apenas mudou de papel.

Construído pouco depois da conquista normanda de 1066, o castelo foi concebido por Guilherme, o Conquistador, como peça de um



Ao longo dos séculos seguintes, cada dinastia britânica gravou suas intenções políticas na arquitetura do castelo. Henrique II reforçou muralhas e construiu a primeira torre de menagem em pedra. Eduardo III, no século XIV, aproveitou uma relativa estabilidade interna para transformar Windsor no centro cerimonial da Ordem da Jarreteira, uma das mais antigas ordens de cavalaria do mundo. Naquele momento, o castelo deixava de ser apenas uma fortaleza militar para se tornar palco de um teatro de poder cuidadosamente coreografado: torneios, banquetes, cerimônias que afirmavam a centralidade da monarquia num país ainda fragmentado por lealdades regionais.



No século XVII, durante a Guerra Civil Inglesa, o castelo mudou de função mais uma vez. O exército parlamentarista utilizou Windsor como quartel-general, prisão e depósito de armas, invertendo temporariamente seu papel tradicional. Aquela mesma estrutura que por séculos garantira a segurança da Coroa foi usada para encarcerar aliados do rei, inclusive antes da execução de Carlos I. O edifício permaneceu inteiro, mas o mito de invulnerabilidade do poder real saiu ferido. A lição, porém, seria incorporada: dali em diante, qualquer rei ou rainha que entrasse pelos portões de Windsor saberia que a continuidade da monarquia dependia tanto de negociações políticas quanto de muralhas centenárias.

Com a Restauração e, mais tarde, com a ascensão da dinastia hanoveriana, o castelo foi progressivamente domesticado. De fortaleza militar, tornou-se residência de prestígio. No século XIX, a rainha Vitória e o príncipe Albert transformaram Windsor em uma vitrine do Império Britânico. Reformas vitorianas acrescentaram salões, galerias e aposentos que combinavam romantização da Idade Média



Em 1992, outro tipo de ameaça revelou vulnerabilidades menos militares, mais financeiras e simbólicas. Um incêndio de grandes proporções



IMAGEM GERADA POR IA "usando Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/03/2026"

CASTELOS & CATEDRAIS



O coração em chamas de Paris: como **Notre-Dame** sobreviveu a mil anos de fé, revoluções e fogo



ARTE & ARQUITETURA

Leia o artigo completo no Site

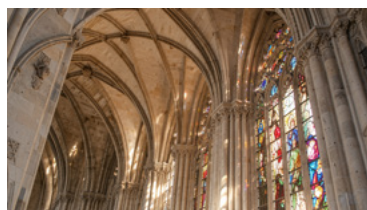
POR
The Bard News, Redação

“Quando a catedral treme, é a própria ideia de França que se vê em risco.”

Do ponto de vista arquitetônico, Notre-Dame é um laboratório decisivo do gótico francês. Suas abóbadas em ogiva, os arcobotantes que abraçam as paredes externas e os grandes vitrais não são apenas belas soluções estéticas, mas respostas técnicas a um problema concreto: como elevar as paredes cada vez mais alto sem que desabassem. Ao transferir o peso para uma rede de contrafortes externos, os construtores libertaram o interior para ganhar altura e luz. A catedral, portanto, é uma espécie de manifesto em pedra: quanto mais sofisticada a engenharia, mais intensa a experiência espiritual prometida a quem adentrasse o espaço.



Durante as duas guerras mundiais, Notre-Dame voltou a ser cenário de rituais de sobrevivência nacional. Em 1918, sinos tocaram celebrando o armistício, e em 1944, a missa de Ação de Graças pela libertação de Paris foi celebrada ali, sob risco real de bombardeios. Fotografias da época mostram fiéis e militares apertados sob as abóbadas, como se buscassem naquele espaço uma espécie de garantia de continuidade. O edifício, mais uma vez, emprestava seu peso simbólico à narrativa de uma França que insistia em renascer.



Ao longo da Idade Média, Notre-Dame cumpriu o papel de palco privilegiado da vida política francesa. Em 1431, no auge da Guerra dos Cem Anos, ali foi coroado Henrique VI da Inglaterra como rei da França, numa tentativa de legitimar a ocupação inglesa. Foi entre aquelas colunas que pregadores conclamaram cruzadas, que reis foram chorados e vitórias comemoradas. Não é exagero dizer que, durante séculos, compreender a França passava por compreender o que acontecia dentro daquela nave.



Esse papel de espelho do país ficou evidente em 15 de abril de 2019, quando um incêndio destruiu a agulha e parte da cobertura de madeira do século XIII, conhecida como “a floresta”, pela densidade das vigas. As imagens do telhado em chamas, do clarão iluminando o céu de Paris, percorreram o planeta com velocidade. Em poucas horas, o discurso público saltou da perplexidade à mobilização. Milionários anunciaram doações, especialistas debateram métodos de restauração, cidadãos comuns choraram nas pontes do Sena. A sensação generalizada era que não se tratava apenas de um edifício em chamas, mas de um pedaço da identidade europeia em risco de desaparecimento.



Mas o status de símbolo nacional teve seu preço durante a Revolução Francesa. Para revolucionários inflamados, o edifício era também um ícone do “Antigo Regime” que pretendiam destruir. Em 1793, muitos tesouros da catedral foram saqueados, estátuas de reis da fachada foram decapitadas por serem confundidas com monarcas franceses — na verdade, representavam reis de Judá. A própria Notre-Dame foi transformada em “Templo da Razão” e depois em depósito de vinhos. A cena é reveladora: o espaço que por séculos fora consagrado à transcendência foi rebaixado a armazém, num gesto de ruptura radical com o passado.

Foi só no século XIX, num clima romântico de redescoberta da Idade Média, que a catedral começou a ser reabilitada na imaginação coletiva. O romance “Notre-Dame de Paris”, de Victor Hugo, publicado em 1831, teve papel decisivo. Ao transformar a catedral em personagem central, dotada de alma e destino próprio, Hugo mobilizou a opinião pública em defesa de um monumento que caía aos pedaços. O sucesso do livro pressionou o Estado francês a agir, e em 1844 o arquiteto Eugène Viollet-le-Duc foi encarregado de uma ampla restauração. Foi ele quem redesenhou a famosa agulha central — a mesma que, quase dois séculos depois, o mundo veria tombando em chamas ao vivo pela televisão.

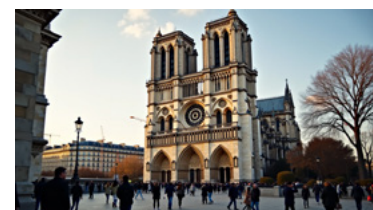
O que torna Notre-Dame tão central, mesmo em um mundo supostamente secularizado? Parte da resposta está em sua capacidade de acumular camadas de sentido. É um monumento religioso, mas também político, literário, turístico e emocional. Cada época a reinterpretou conforme suas próprias necessidades. Para os medievais, era a casa da Virgem Maria e o centro litúrgico; para os revolucionários, um símbolo a ser profanado; para os românticos, ruína poética a ser salva; para os contemporâneos, um ícone global que precisa sobreviver como testemunha histórica. Sua força está justamente nessa plasticidade simbólica.



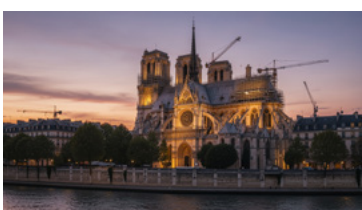
Do ponto de vista de um historiador que observa o longo curso dos acontecimentos, Notre-Dame funciona como uma espécie de sísmógrafo da história francesa. Cada rachadura, cada andaime, cada andaime de restauração sinaliza uma mudança mais ampla na maneira como a sociedade se enxerga. Quando a França se torna mais laica, o foco se desloca do altar para o patrimônio; quando vive crises políticas, as cerimônias de Estado sob aquelas abóbadas ganham um peso que vai além da liturgia. Olhar para a catedral é, em última instância, olhar para a narrativa de um país que quer contar de si mesmo.



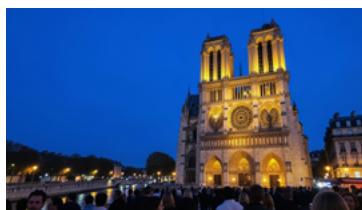
A discussão sobre como restaurá-la após o incêndio revela outra faceta dessa tensão entre memória e reinvenção. Houve quem defendesse uma reconstrução “idêntica”, fiel aos materiais e técnicas medievais; outros propuseram uma intervenção contemporânea, com vidro, metal e soluções arrojadas, para marcar o século XXI na silhueta da catedral. No fim, prevaleceu a ideia de reconstruir a agulha de Viollet-le-Duc como era, respeitando a imagem que o mundo aprendeu a reconhecer. Ainda assim, o interior e certos detalhes da cobertura incorporarão tecnologias modernas de segurança, prova de que, mesmo quando a aparência parece igual, o conteúdo se atualiza.



Enquanto a reabertura completa se aproxima, prevista como um grande gesto de reconciliação entre passado e futuro, Notre-Dame continua a ser visitada, estudada, filmada, debatida. Mesmo envolta em andaimes, ela segue cumprindo a função que assumiu desde o século XII: oferecer um ponto fixo em meio ao fluxo da história. Em um mundo que muda em ritmo vertiginoso, a permanência, ainda que ferida, de suas pedras é um lembrete de que algumas obras humanas são grandes não apenas pelo que foram, mas pela capacidade que têm de atravessar catástrofes e seguir significando.



Muito antes de o incêndio de 2019 chocar o mundo, a Catedral de Notre-Dame já carregava nas pedras a memória de coroações, revoluções, saques, guerras e renascimentos sucessivos. Mais do que um cartão postal, ela é um termômetro da alma francesa: quando Notre-Dame treme, é a própria ideia de França que se vê em perigo. Nesta reportagem, mergulhamos na história profunda desse monumento para entender por que sua sobrevivência importa tanto ao mundo inteiro.



Erguida sobre a Île de la Cité, no coração do Sena, a Catedral de Notre-Dame de Paris começou a ser construída em 1163, em um país que ainda estava se descobrindo como nação. A escolha do local não foi inocente: ali já existira um templo romano e uma igreja anterior, como se o poder espiritual precisasse sempre ocupar o mesmo centro de gravidade. A decisão do bispo Maurice de Sully de erguer uma nova catedral em escala inédita tinha tanto de devoção quanto de política. Em plena consolidação da monarquia capetíngia, era vital que Paris exibisse um santuário à altura das ambições do reino.

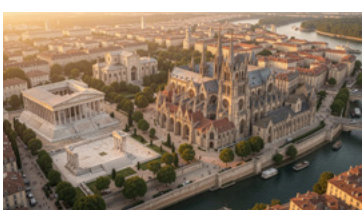
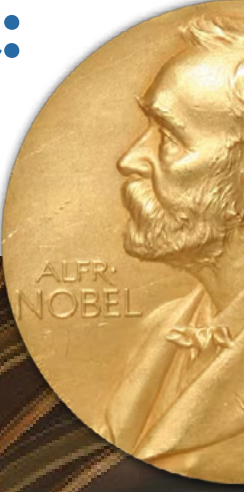


IMAGEM GERADA POR IA usando Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/03/2026

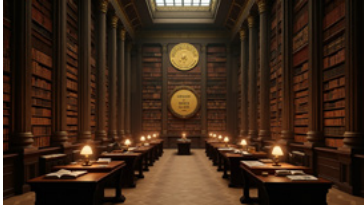


NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1907 – Rudyard Kipling (Reino Unido)



Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



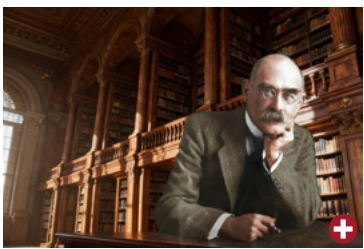
“Série: Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura”



Rudyard Kipling:
o gênio literário no coração do Império Britânico

Um nome que não cabe em rótulos fáceis

Rudyard Kipling é um daqueles nomes que desafiam qualquer leitura simples. De um lado, um dos maiores contistas da língua inglesa, mestre em ritmo, atmosfera e concisão, criador de personagens que atravessaram gerações, como Mowgli e Kim. Do outro, um autor profundamente ligado ao imaginário imperialista britânico, associado a uma visão de mundo hierárquica, racializada e hoje, com razão, alvo de crítica severa. Entender Kipling é também entender como a literatura pode, ao mesmo tempo, revelar e reforçar as estruturas de poder de uma época.



Bombaim, exílio e o nascimento de um olhar dividido

Nascido em 1865, em Bombaim, na Índia então sob domínio britânico, Kipling cresceu cercado por línguas e culturas variadas. Na infância, ouviu hindi e inglês, viu templos e igrejas, compartilhou o cotidiano de colonizadores e colonizados. A casa da família era um pequeno núcleo britânico em meio a uma sociedade majoritariamente indiana. Ainda assim, aquela paisagem seria arrancada dele cedo demais. Aos seis anos, foi enviado à Inglaterra, numa prática comum entre famílias coloniais que desejavam educar os filhos na metrópole. O que, para os pais, era um caminho de ascensão social, para o menino transformou-se num período traumático de solidão e humilhações, vivido em uma pensão em Southsea, experiência que deixaria marcas profundas.

Esse corte brusco entre dois mundos, Índia e Inglaterra, infância e exílio, acabou se tornando o eixo central de sua obra. Quando retornou ao subcontinente, já jovem, empregado em jornais da região de Lahore, Kipling reencontrou um lugar ao mesmo tempo familiar e estranho.

Circulava por estações de trem, quartéis, vilarejos; convivia com oficiais britânicos, soldados indianos, comerciantes muçulmanos, camponeses hindus, burocratas de todo tipo. Observava, anotava, transformava em prosa. A Índia do Raj britânico, com suas tensões raciais, religiosas e políticas, tornava-se seu grande laboratório literário.

Contos do Raj: o império visto por dentro

Os primeiros livros de contos revelam a rapidez com que ele soube converter essa experiência em literatura. Reuniões como *Plain Tales from the Hills*, *Soldiers Three* e *Life's Handicap* trouxeram ao público inglês um retrato da Índia que não cabia nos discursos oficiais. Ali apareciam funcionários coloniais entediados, oficiais alcoolizados, missionários hipócritas, mulheres inglesas confinadas em clubes exclusivos, indianos em posições subalternas, mas também astutos, sagazes, por vezes vingativos. A força desses textos está no olhar frio, quase clínico, com que Kipling expõe as contradições do sistema colonial. Não há, nesses contos, idealização romântica da empresa imperial; há um registro quase jornalístico, ainda que filtrado por preconceitos de época, do cotidiano de uma máquina de poder em funcionamento.

Ao mesmo tempo, porém, é impossível ignorar que o narrador desses contos fala do lado de dentro da estrutura colonial. Por mais que critique indivíduos, a ordem geral não é questionada como injusta em si. O indiano é frequentemente apresentado como alguém a ser administrado, observado, muitas vezes infantilizado. O humor, por vezes brilhante, pode também surgir impregnado de desprezo. É justamente dessa fricção que nasce a complexidade de ler Kipling hoje: o talento estético convive com a internalização de uma visão de mundo que hierarquiza povos e culturas.

A selva como metáfora do Império

Se os contos consolidaram Kipling como um autor respeitado, foi *O Livro da Selva*, publicado em duas partes em 1894 e 1895, que o transformou em fenômeno mundial. Muitas vezes reduzido a literatura infantil, o conjunto de histórias da selva indiana possui uma densidade simbólica que vai além do público jovem. Mowgli, o menino criado por lobos, vive dilacerado entre dois universos, o animal e o humano, sem pertencer completamente a nenhum. As leis da selva, ensinadas por Baloo e vigiadas por Bagheera, constituem um código de conduta rigoroso, que mistura disciplina e liberdade, solidariedade e brutalidade. Em paralelo, os humanos aparecem como figuras ambíguas, capazes de crueldades que superam as dos predadores.

Nesse jogo de espelhos, muitos leitores enxergam a metáfora de um império que se pretende civilizado, mas cuja ordem se impõe por força, medo e disciplina. A selva, com suas regras rígidas e pactos silenciosos, é um reflexo do mundo humano que Kipling conhecia, das redes de poder que atravessavam o Raj britânico. Não é à toa que, décadas mais tarde, adaptações para cinema frequentemente suavizaram essa dureza, transformando a história em aventura leve. O original, quando lido com atenção, é sombrio, tenso, por vezes cruel.

Kim: o órfão híbrido no tabuleiro geopolítico

Em 1901, Kipling publica *Kim*, provavelmente seu romance mais complexo. O protagonista, Kimball O'Hara, é filho de um soldado irlandês, órfão, criado nas ruas da Índia, perfeitamente integrado às culturas locais, falando várias línguas e circulando entre templos, bazares e acampamentos militares. Num certo momento, descobre que é cidadão britânico e, por isso, recebe a oportunidade de estudar e servir ao Império como espião. A narrativa se passa no contexto do chamado Grande Jogo, a disputa silenciosa entre Grã Bretanha e Rússia pela influência na Ásia Central.

Kim é, simultaneamente, romance de formação, relato de espionagem e estudo de uma sociedade pluricultural. Em sua trajetória, ele transita entre tradições religiosas, classes sociais, lealdades políticas. Acompanhando um velho lama em busca da corrente rio de iluminação espiritual, participa também de intrigas de inteligência, interceptação de mensagens,



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAL, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/03/2026"

missões arriscadas. O leitor é convidado a mergulhar em uma Índia feita de muitos povos, línguas e paisagens, tudo mediado por uma narrativa ágil e envolvente.

Mas, novamente, a questão política se impõe. O talento de Kipling para retratar a Índia vem impregnado de uma visão que, no fim das contas, legítima o papel britânico como suposta instância de ordem e racionalidade. Kim, por mais híbrido que seja, é absorvido pelo aparato imperial. O olhar amoroso do autor para as particularidades culturais indianas não se converte em defesa de autodeterminação. Para a sensibilidade contemporânea, isso coloca o romance em terreno ambíguo: é, ao mesmo tempo, uma obra prima de imaginação e um documento de um imperialismo seguro de si.

Se... o fardo do homem branco e o centro da controvérsia

Se, na prosa, Kipling construiu mundos, na poesia criou slogans que marcaram profundamente o imaginário ocidental. O poema *Se...*, escrito na década de 1890 e publicado em 1910, é talvez seu texto mais famoso. Estruturado como um conjunto de conselhos de um pai a um filho, exalta virtudes como autocontrole, perseverança, coragem diante da perda, capacidade de manter a cabeça erguida em meio ao caos. As imagens são fortes e precisas, e o ritmo, calculado para ficar na memória. Traduzido para inúmeras línguas, o poema foi pendurado em paredes de escolas, quartéis, casas, gabinetes.

Ao mesmo tempo, a figura de humanidade ideal que o texto propõe está profundamente vinculada a um ideal masculino, disciplinado, autocentrado, muito afim ao ethos vitoriano e ao espírito do Império. A ideia de ser um homem envolve suportar tudo sem reclamar, reconstruir sem lamentar, controlar emoções ao extremo. Para sensibilidades atuais, há tanto uma força

inspiradora quanto um potencial de repressão emocional nesse modelo. *Se...* continua a ser lido, celebrado e criticado, justamente porque encarna, de forma cristalina, um conjunto de valores que o mundo ocidental adotou por muito tempo como norma de maturidade.

Há, contudo, um poema que ocupa posição ainda mais desconfortável na obra de Kipling: *O Fardo do Homem Branco*, publicado em 1899. Escrito como espécie de apelo aos Estados Unidos, que naquele momento passavam a exercer dominação direta sobre as Filipinas, o texto formula, em tom solene, a ideia de que cabe ao branco civilizado conduzir os povos colonizados rumo à luz. Mesmo quando admite que essa tarefa é árdua e ingrata, nunca questiona seu pressuposto básico: a superioridade moral e cultural do colonizador. A expressão *fardo do homem branco* se tornaria, ao longo do século XX, uma espécie de síntese da ideologia imperialista.

É aqui que Kipling se torna símbolo, não apenas escritor. A clareza com que formula o discurso colonial, a missão de governar, educar, dirigir povos tidos como inferiores, fez de seus versos alvos privilegiados de crítica em estudos pós coloniais. Ao mesmo tempo, é preciso lembrar que muitos contemporâneos seus, menos talentosos, pensavam de modo semelhante. A diferença é que, em seu caso, essas ideias ganharam forma poética poderosa, o que amplia tanto seu alcance quanto a responsabilidade histórica.

Nobel, tragédia pessoal e desencanto

Em 1907, a Academia Sueca concede a Kipling o Prêmio Nobel de Literatura. Ele se torna o primeiro autor de língua inglesa a receber a honraria e o mais jovem laureado até então. Na justificativa, a Academia ressalta sua capacidade de observação, a fantasia vigorosa e

o talento raro para narrativa. O prêmio vem no momento em que o autor já é mundialmente conhecido, sobretudo por *O Livro da Selva* e por seus contos, e é celebrado como porta voz da Grã Bretanha imperial.

A reação, contudo, não é unânime. Enquanto jornais londrinos exaltam o reconhecimento como prova da supremacia cultural inglesa, vozes críticas dentro e fora da Inglaterra apontam que o Nobel consagra, de certo modo, a visão imperial. Na Índia, intelectuais ligados a movimentos nacionalistas veem no prêmio a legitimação de um autor que, em sua leitura, retrata os indianos como massa a ser governada. Em círculos literários europeus, alguns consideram sua obra brilhante, porém perigosa em termos ideológicos.

A vida pessoal de Kipling nos anos seguintes é marcada por tragédias. A morte da filha Josephine, em 1899, o atinge em cheio. Mais tarde, durante a Primeira Guerra Mundial, o filho John, alistado no exército, morre em combate na Batalha de Loos. O corpo nunca é encontrado. Kipling, que havia apoiado com entusiasmo o esforço de guerra e incentivado o jovem a se alistar, carregou essa culpa pelo resto da vida. Esse luto invade sua obra tardia, que se torna mais escura, com uma sensação de desencanto em relação ao heroísmo militar.

Essa virada emocional complica ainda mais a figura do escritor. O homem que exaltou o dever e o sacrifício patriótico experimenta, na própria família, o custo extremo dessa retórica. Em alguns textos posteriores, percebe-se um tom mais amargo, quase desesperado, diante da carnificina e da perda de uma geração inteira nas trincheiras europeias. Ainda assim, Kipling nunca rompeu publicamente com sua visão de mundo, nem se tornou um pacifista radical.

NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1908 – Rudolf Christoph Eucken (Alemanha)



Rudolf Christoph Eucken: o filósofo que levou a luta pelo espírito ao Nobel de Literatura

Um filósofo no território dos romancistas



Quando a Academia Sueca anunciou, em 1908, que o Prêmio Nobel de Literatura seria entregue a Rudolf Christoph Eucken, muita gente franziu a testa. Um filósofo? E ainda por cima um filósofo relativamente desconhecido fora dos círculos acadêmicos? Em uma época em que o prêmio começava a se firmar nas mãos de poetas,

romancistas e dramaturgos, a escolha de um professor universitário alemão, autor de obras densas de filosofia espiritualista, pareceu, para muitos, uma decisão excêntrica.

A justificativa oficial, porém, era clara: Eucken foi laureado “em reconhecimento a sua busca séria e vigorosa pela verdade, sua penetração de pensamento e seu calor idealista, com os quais tem defendido e desenvolvido uma filosofia ética e espiritualista”. Traduzindo para uma linguagem mais direta, a Academia premiava alguém que, com palavras, lutava para resgatar o valor do espírito em um mundo cada vez mais dominado por forças materiais, técnicas e econômicas.

Do interior da Frísia à cátedra de Jena

Rudolf Christoph Eucken nasceu em 1846, em Aurich, na Frísia Oriental, então parte do Reino de Hanover. Cresceu em ambiente modesto, marcado por disciplina protestante e valorização do estudo. Órfão de pai ainda criança, teve na mãe uma figura de forte influência moral, algo que ele próprio reconheceria mais tarde ao falar da importância da formação espiritual no início da vida.

Estudou filosofia e filologia clássica nas universidades de Göttingen e Berlim. Logo se destacaria por combinar sólida erudição histórica com uma inquietação pouco comum entre filósofos acadêmicos: Eucken não se contentava em interpretar sistemas alheios, queria construir uma visão própria de mundo. Em 1874, assumiu a cadeira de filosofia em Jena, cidade que já havia sido cenário de alguns dos maiores debates intelectuais da Alemanha, de Fichte a Hegel e Schelling. Ali ficaria por décadas, formando gerações de estudantes.

A atmosfera de Jena, com sua tradição idealista alemã, não poderia ser terreno mais

propício para alguém que via a filosofia como uma tarefa pública, quase pedagógica. Eucken não escrevia para um círculo fechado de especialistas. Via-se como alguém que tinha um recado a dar à época: era urgente repensar o lugar do espírito humano em um mundo acelerado pela ciência, pela industrialização e por ideologias que, segundo ele, ameaçavam esvaziar o sentido da existência.

O centro da filosofia de Eucken é um conceito que percorre quase todas as suas obras: a “vida espiritual” (*Geistesleben*). Para ele, o ser humano não se reduz a organismo biológico, nem a peça de engrenagem social, nem a simples somatório de impulsos psicológicos. Há, no homem, uma dimensão mais alta, que se manifesta na busca pela verdade, pela justiça, pela beleza. É essa dimensão que dá profundidade à experiência humana.

Em livros como “O Problema da Vida” (1890), “A Verdade do Espiritualismo e o Mundo Presente” (1893) e, sobretudo, “A Vida Espiritual” (*Das geistige Leben*, 1903), Eucken expõe uma tese que poderia ser resumida assim: a vida humana é um campo de batalha entre forças que puxam para baixo, em direção à inércia, ao hábito, ao puro interesse, e forças que impulsionam para cima, em direção à criação, à responsabilidade, à autotranscendência.

Essa luta não é abstrata. Ele a enxerga na política, na economia, na cultura de massas nascente, na universidade. Para Eucken, a modernidade corria o risco de se tornar uma época dominada por uma visão puramente naturalista ou mecanicista do mundo, em que tudo se explica por causas físicas, sociais ou econômicas, e em que a ideia de liberdade interior, de dever moral e de valor intrínseco da verdade é tratada como ilusão. Contra isso, ele ergue um espiritualismo combativo, que não recua da palavra “espírito”, mas a entende não como algo nebuloso, e sim como a capacidade

concreta de se orientar por fins que não são apenas utilitários.

Entre religião e laicidade: um idealismo sem ingenuidade

Um ponto importante em Eucken é sua posição delicada entre religião e filosofia. Ele não foi um teólogo no sentido estrito: sua filosofia não se restringe a um dogma confessional. Ao mesmo tempo, recusa o ceticismo fácil. Acredita que, sem alguma forma de enraizamento em valores objetivos, a vida moral se dissolve em relativismo.

Por isso, suas obras falam em Deus, em absoluto, em valor supremo, mas sem simplesmente repetir fórmulas teológicas clássicas. Para muitos leitores de sua época, Eucken oferecia uma alternativa: um “cristianismo filosófico” que dialogava com a ciência moderna e com a crítica histórica, sem abandonar a convicção de que a realidade última é espiritual, não puramente material.

Esse esforço aparece em livros como “Cristianismo e Vida Moderna” (1906), nos quais ele propõe uma releitura da tradição cristã à luz das exigências do presente. Não se trata, para ele, de voltar a uma era de fé ingênua, mas de encontrar, no núcleo ético e espiritual dessa tradição, recursos para enfrentar o individualismo egoísta, o niilismo e o consumismo incipiente.

Uma prosa filosófica com ambição literária

Por que, afinal, um filósofo ganhou o Nobel de Literatura? A resposta passa não apenas pelo conteúdo, mas pela forma. Eucken não escrevia tratados secos. Seus livros, embora densos, adotam um estilo ensaístico, com imagens, metáforas, apelos diretos ao leitor. Ele fala da vida como combate, do espírito como chama que precisa ser alimentada, da cultura como edifício comum que pode desmoronar se não houver esforço contínuo.

Essa linguagem, que mistura exortação moral, análise conceitual e quase sermão laico, conferia à sua obra um caráter de intervenção. Eucken via o filósofo como alguém que precisa falar ao seu tempo, não apenas sobre a sua época, mas para ela. Seus textos circulavam não apenas em departamentos universitários, mas também entre professores secundários, religiosos, profissionais liberais. Em vários países, chegaram a ser lidos como espécie de guia de reflexão espiritual para leitores cultos.

A Academia Sueca, ao premiá-lo, destacou exatamente esse ponto: “Sua obra, escrita em uma prosa de raro vigor, não se contenta em especular, mas busca mover a vontade do leitor em direção a uma vida mais alta”. Em outras palavras, valorizou-se a dimensão literária de sua filosofia, não no sentido ficcional, mas no sentido retórico e estilístico.

Curiosamente, Eucken foi mais popular em certos países estrangeiros do que em sua própria Alemanha. Na virada do século, suas obras foram traduzidas para o inglês e receberam boa acolhida em universidades britânicas e norte-americanas. Em um contexto de crise de fé institucional e de avanço do pensamento científico, muitos professores e líderes religiosos viam na filosofia de Eucken uma ponte possível entre racionalidade moderna e compromisso espiritual.

Sua visita aos Estados Unidos, pouco depois de receber o Nobel, foi recebida com entusiasmo em alguns círculos acadêmicos. Conferências lotadas, debates, resenhas elogiosas em jornais e revistas. Eucken era apresentado como “o filósofo da vida ativa” e “defensor da primazia do espírito”, um contraponto a leituras reducionistas do darwinismo e do materialismo. Esse prestígio internacional certamente pesou na decisão da Academia Sueca, que buscava, naqueles primeiros anos, consolidar o Nobel como prêmio de alcance global.

Se, em 1908, a escolha de Eucken podia parecer, para alguns, protocoladamente ousada, hoje ela costuma ser citada como um dos Nobéis “mais estranhos” da lista. A razão é simples: seu nome desapareceu quase completamente do debate filosófico de alto nível. Ao longo do século XX, outras correntes ocuparam o centro da cena: fenomenologia, existencialismo, filosofia analítica, marxismo, estruturalismo. Ao lado delas, o espiritualismo ético de Eucken passou a ser visto como datado, genérico, pouco rigoroso.

Críticos apontam que, embora seu diagnóstico da crise espiritual moderna tenha sido sincero e, em alguns pontos, perspicaz, suas respostas soam vagas, sem a força sistemática de um Bergson, sem a densidade trágica de um Kierkegaard, sem a radicalidade de um Nietzsche, sem a arquitetura rigorosa de um Husserl. Em filosofia, a profundidade costuma ser testada pelo tempo, e neste teste Eucken não saiu vencedor.

Do ponto de vista literário, sua prosa, que parecia vibrante para leitores de 1900, hoje está impregnada de um pathos que cheira a sermão, a generalidade abstrata. Em um século em que a literatura filosófica foi marcada por estilos tão intensos quanto os de Simone Weil, Hannah Arendt, Albert Camus ou Cioran, a voz de Eucken soa, a muitos ouvidos, excessivamente edificante, com pouca fissura, pouca sombra.

Um sintoma do seu tempo, um espelho do Nobel

Mesmo assim, descartá-lo como simples equívoco seria simplificar demais a história. A premiação de Eucken em 1908 revela algo importante sobre a mentalidade de então e sobre o que o Nobel pretendia ser em seus primeiros anos. A Academia não queria apenas premiar obras de ficção ou poesia. Buscava, em alguns casos, reconhecer autores que, por meio da palavra, influenciavam o clima espiritual de seu tempo.

Eucken encarnava, naquele momento, a esperança de que uma filosofia espiritualista poderia oferecer um norte em meio a transformações vertiginosas. A indústria crescia, as cidades se expandiam, o socialismo ganhava força, a ciência parecia explicar cada vez mais fenômenos, enquanto as igrejas tradicionais perdiam autoridade. Nesse contexto, a figura de um professor alemão que falava em liberdade interior, em responsabilidade, em vida espiritual ativa, surgia como alternativa “moderada” entre um tradicionalismo religioso fechado e um materialismo considerado desumanizante.

Visto assim, o Nobel de Eucken é menos um erro isolado e mais um documento de época. Ele mostra uma Europa tentando conciliar modernidade e espiritualidade, progresso técnico e ética, razão e sentido. Mostra também uma Academia Sueca interessada em premiar não apenas obras esteticamente bem construídas, mas discursos que, acreditava-se, poderiam “melhorar” moralmente o mundo.

Por que ainda vale a pena olhar para Eucken

Hoje, poucos lerão Eucken por prazer literário. Seu estilo exige paciência, e suas formulações, muitas vezes genéricas, podem frustrar quem busca análises mais concretas das estruturas sociais. Mas revisitar sua figura, dentro da série de laureados com o Nobel, continua relevante por alguns motivos.

Primeiro, porque ajuda a entender a história do próprio prêmio. O fato de um filósofo espiritualista ter sido agraciado com a mais alta honraria literária do mundo mostra como o Nobel, em seus primórdios, oscilava entre critérios estritamente estéticos e preocupações morais e pedagógicas. Segundo, porque a ansiedade que atravessa seus textos, o medo de que a modernidade destrua qualquer fundamento ético sólido, não soa tão distante assim em um século XXI marcado por crises de sentido, polarização e niilismo difusos.

Por fim, Eucken serve como lembrete de que nem todo laureado resiste ao tempo com a mesma força. A lista dos vencedores do Nobel é, ela própria, um texto histórico, cheio de acertos, omissões, apostas e decisões que hoje nos parecem improváveis. Olhar para esses casos menos lembrados, como o de Rudolf Christoph Eucken, é também uma forma de ler criticamente o cânone que herdamos, de questionar o que foi consagrado e por quê.

No fim das contas, se sua filosofia já não move os corações como desejava, o episódio de sua premiação ainda nos obriga a pensar sobre a fronteira entre literatura, filosofia e moral pública. E essa fronteira, como o próprio Eucken intuía, continua a ser um dos campos de batalha decisivos do nosso tempo.

LITERATURA

RESENHA

Trese: Caçadora de Demônios para adultos



Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduíche CAPES na Université Paris-Cité; Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.

@marianapacheco.mp

RESENHA

Antes do filme sul-coreano "K-Pop Demon Hunters" conquistar as premiações estadunidenses, como o Globo de Ouro e Annie Awards, neste ano de 2026, se tornando a animação de maior sucesso da plataforma de streaming Netflix e uma representação do folclore asiático para o mundo ocidental, em 2021 a série "Trese" já havia trazido uma protetora para a humanidade e um elo de equilíbrio entre o sobrenatural.



A série animada é a adaptação das Histórias em Quadrinhos homônimas filipinas escritas por Budjette Tan e Kajo Baldismo. É válido dizer que as Filipinas é um país que ama HQs, e tem aires quadrinistas ilustres e talentosos do que autores clássicos de outros gêneros literários. Isso não reduz o valor da obra, pelo contrário: a linguagem das Histórias em Quadrinhos acessibiliza uma cultura e sociedade pouco discutida dentro da literatura e dos estudos



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/03/2026"

asiáticos, ainda que de forma desafiadora para tradução em países ocidentais.



No Brasil, por exemplo, "Trese" é publicado em seu formato de História em Quadrinhos apenas em 2025, pela editora Mori, voltada para títulos associados ao Terror e ao Suspense – adequado, aliás. É provável que os brasileiros mais leigos se conectem com a narrativa através da série animada previamente produzida pela Netflix. Entretanto, a narrativa de Tan e Baldismo é um prato cheio para conhecer Manila e também mergulhar em traços únicos e personagens que conversam com uma cultura e sociedade que ainda transita entre o folclore tradicional, a colonização espanhola, o conservadorismo religioso e a própria identidade entre guerreiros e xamãs.

Tanto nos quadrinhos quanto na série animada, "Trese" carrega uma aura mais sombria,

quando a noite cai sobre as ruas de Manila (capital das Filipinas) e os perigos vão além de sequestradores e ladrões, se estendendo para criaturas do folclore místico das Filipinas, que espreitam nas sombras e nas camadas sociais. Casos de assassinatos, quando se mostram pouco convencionais, obrigam o sargento da polícia a chamar Alexandra Trese, a sexta filha do sexto filho mandirigma (guerreiro) com uma balaylan (xamã), assumindo ambas as funções e conhecimentos dos pais.

Alexandra Trese, diferentemente das personagens guerreiras do K-Pop, se veste de negro, tem cabelos curtos e é extremamente racional para cumprir sua função como protetora da humanidade – a Lakan. E seus casos, muitas vezes, não envolvem monstros bonitos, mas metamorfos vampíricos e necrófagos (aswang) envolvidos em tráfico de almas e carne humana; bebês abortados e abandonados que ressurgem em busca do ventre maternos (tiyanak), e mortos vivos convocados em busca da justiça de assassinatos causados pela polícia local, sem um julgamento.

A história traz figuras folclóricas, mas influentes em situações reais da sociedade filipina. E, por isso, a narrativa ganha o tom mais impactante e obscuro: o terror não está apenas nas figuras folclóricas e nas cenas de sangue, bem

como as batalhas de Alexandra Trese junto com os Kambal – dois gêmeos semideuses filhos de Talagbusao (deus da Guerra), que se tornam seus guarda-costas particulares, mas em como a humanidade desequilibra a relação entre o sobrenatural por violarmos as regras.

No volume 2, Alexandra Trese explica ao sargento que as regras do submundo são simples: aquelas velhas regras sobre boas maneiras, mostrar respeito e ajudar o próximo. Só que as consequências de desobedecer às lições são mais extremas, porque o submundo não perdoa como o mundo humano. E é isso que nos assusta.

As Guerreiras do K-Pop conquistaram fãs de todas as idades, de crianças aos adultos, por trazer músicas cativantes, personagens únicas e boa estratégia de comunicação. Mas "Trese" é para um público adulto que não tenha medo de ler ou assistir a noite, ou mesmo de entender que existem coisas que não sabemos explicar ou lidar em nosso mundo e na fina camada de crença. E para enfrenta-los, saber cantar não é suficiente, é preciso se armar de conhecimento antigo, coragem, frieza e um bom punhal.

Resenha de Livro

"O Auto da Compadecida"

Ariano Suassuna

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

No panteão da literatura brasileira, poucas obras alcançaram o status de ícone cultural como "O Auto da Compadecida". Escrita em 1955 pelo genial Ariano Suassuna, esta peça de teatro não é apenas a sua obra mais famosa, mas um verdadeiro marco que encapsula a riqueza do folclore, a profundidade da religiosidade e o humor mordaz do sertão nordestino. Através das peripécias de seus inesquecíveis protagonistas, João Grilo e Chicó, Suassuna teceu uma narrativa que, décadas após sua criação, continua a ressoar com o público, provando a atemporalidade de sua genialidade e a força de sua visão artística.

Ariano Suassuna (1927-2014) foi um escritor, dramaturgo, poeta e ensaísta brasileiro, um dos maiores defensores da cultura popular nordestina e um dos fundadores do Movimento Armorial, que buscava criar uma arte brasileira erudita a partir das raízes populares. "O Auto da Compadecida" é a materialização perfeita dessa filosofia. A peça é um "auto", um gênero teatral medieval de origem religiosa, que Suassuna revitalizou com elementos tipicamente brasileiros, criando uma obra que é ao mesmo tempo universal e profundamente enraizada em sua terra.

A história se desenrola na pequena cidade de Taperóá, Paraíba, e acompanha as desventuras de João Grilo, um sertanejo pobre, esperto e mentiroso, e seu amigo Chicó, um sujeito covarde e ingênuo, mas com uma imaginação fértil para contar "causos". Juntos, eles tentam sobreviver às adversidades do sertão, usando a malandragem e a sorte para se livrar de situações complicadas, envolvendo figuras como o Padeiro e sua esposa adúltera, o Major Antônio Moraes, o Padre João e o Bispo.

A trama atinge seu clímax com a morte dos personagens e o subsequente julgamento no céu, onde são confrontados por Jesus Cristo (o Encourado), o Diabo e, crucialmente, Nossa Senhora, a Compadecida. É a intervenção misericordiosa da Compadecida que oferece uma chance de redenção aos pecadores, especialmente a João Grilo, que, apesar de suas falhas, demonstra um coração simples e uma fé genuína. Essa fusão de elementos cômicos, trágicos e religiosos é o que confere à peça sua profundidade e seu apelo duradouro.

@poetajbwolf

PUBLIQUE CONOSCO

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião).
- **Ensaios:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenhas:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI

LITERATURA

Leonardo da Vinci e a Inquietude Criativa: o Mundo como Objeto de Fascínio



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal do Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar



Poucos nomes atravessam os séculos com a força de Leonardo da Vinci. Sua vida é comovente e inspiradora. Artista, inventor, anatomista, engenheiro e observador incansável, ele parece ter pertencido a todas as áreas do conhecimento ao mesmo tempo, sendo considerado um dos maiores gênios da história. A vida e a obra de Leonardo demonstram que a criatividade floresce quando o indivíduo se

permite questionar, observar e ultrapassar os limites impostos pelo conhecimento de sua época.

Sua mente inquieta, incontrolável e indomável, era dominada pelo fascínio do mundo. Seus olhos e seu pensamento não descansavam diante dos infinitos objetos que captava, buscando compreender visualmente a harmonia da natureza.

A inquietude criativa como força motriz

Mais do que um gênio isolado, Leonardo da Vinci representa um tipo raro de espírito humano: aquele movido por uma inquietude criativa que transforma o mundo em um laboratório permanente de descobertas, energia e vida. Seu olhar nunca descansava; para ele, observar era um ato quase sagrado. Via padrões onde outros viam apenas paisagens e enxergava perguntas onde a maioria encontrava respostas prontas apenas voltadas para a lógica.

Seus cadernos, repletos de anotações, diagramas e esboços, revelam um pensamento que se recusava a permanecer estático, testemunhando sua curiosidade voraz, em desnudar mundos.

Estudou o voo dos pássaros para construir uma máquina que desse ao homem o poder de voar. O movimento da água o fazia sonhar com navios que navegassem sob a superfície, como os peixes. Investigou a anatomia humana para compreender os princípios mecânicos que regem o corpo, essa máquina perfeita onde habita, adormecido, um universo inteiro.

A hipótese de traços de TDAH

Sua mente insaciável, que frequentemente saltava de um projeto para outro sem conclusões, é vista tanto como fonte de genialidade quanto como possível reflexo de traços associados ao Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Embora seja impossível diagnosticar retroativamente uma figura histórica, essa hipótese permite discutir como características frequentemente relacionadas ao transtorno — como hiperfoco, impulsividade criativa e dificuldade de finalizar tarefas, podem ter influenciado sua produção intelectual.

Considerar essa perspectiva não busca patologizar o artista, mas compreender como sua inquietude mental moldou sua obra e seu legado. Diversas pinturas, invenções e estudos foram deixados inacabados, não por incapacidade técnica, mas porque sua atenção era rapidamente capturada por novos interesses. Essa mudança constante de foco, vista por alguns como dispersão, pode ser interpretada como um traço de mente multifocal, que transita entre temas com velocidade e intensidade.

Em vez de limitar sua criatividade, essa dinâmica ampliou seu campo de atuação, permitindo-lhe circular entre arte, ciência, engenharia e filosofia.

Hiperfoco e curiosidade profunda

Leonardo demonstrava também um padrão de hiperfoco, estado de concentração profunda em temas de grande interesse, frequentemente relatado por pessoas com TDAH. Seus cadernos revelam longos períodos dedicados a investigar minuciosamente fenômenos específicos, como

o movimento da água ou a anatomia humana. Esse mergulho intenso contrasta com sua dificuldade em manter-se em tarefas menos estimulantes, reforçando a ideia de que sua produtividade seguia o ritmo de sua curiosidade, e não de demandas externas.

Sua inquietude criativa, foi marcada por energia mental incessante, fazia com que ele transformasse tudo o que observava em objeto de estudo. Essa impulsividade intelectual alimentou sua capacidade de inovar, seu mundo imaginário. A mesma mente que se dispersava em múltiplos projetos era capaz de conectar áreas distintas do conhecimento, antecipando descobertas científicas antes de sua formalização.

A diversidade cognitiva como potência

A hipótese de que Leonardo da Vinci apresentava traços compatíveis com TDAH não deve ser interpretada como tentativa de reduzir sua complexidade a um diagnóstico. Pelo contrário, evidencia que modos de funcionamento mental considerados atípicos que podem gerar contribuições extraordinárias quando encontram espaço para se expressar.

Sua vida sugere que a diversidade cognitiva é uma força criativa e que a inquietude, quando acolhida, pode transformar-se em inovação.

O mundo como fascínio

A inquietude criativa de Leonardo Da Vinci não se limitava ao desejo de produzir obras-primas; refletia uma relação profunda com o mundo. Ele parecia movido pela convicção de que a realidade é infinitamente mais rica do que conseguimos perceber. Por isso, dedicou a vida a ampliar os limites da percepção humana.

Essa postura explica tanto sua genialidade quanto suas frustrações. Muitos de seus projetos ficaram inacabados não por falta de capacidade, mas porque sua mente já havia sido capturada por uma nova pergunta, um novo fenômeno, um novo enigma. Leonardo vivia em estado permanente de descoberta, encontrando deleite na visão, na compreensão e na harmonia com o mundo.

Sua inquietude criativa é também um convite: um chamado para olhar o mundo com fascínio, para não aceitar o óbvio, para buscar conexões inesperadas. Leonardo não queria apenas entender a realidade, queria reinventá-la.

A inquietude criativa de Leonardo Da Vinci é tema central em análises de sua biografia, da neurociência e da história da arte. É possível afirmar que essa inquietude não apenas moldou sua genialidade, mas também oferece um modelo de pensamento que permanece atual. Sua vida mostra que questionar, observar e conectar diferentes áreas do saber são atitudes essenciais para transformar o mundo.

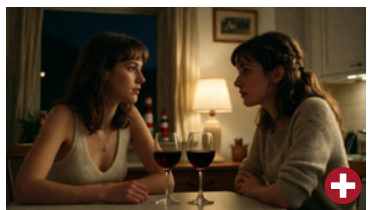
Em uma época que frequentemente desencoraja a curiosidade profunda, Leonardo nos lembra de que é justamente ela que abre caminho para o extraordinário.

Leonardo da Vinci (1452–1519) deixou um legado inestimável para a contemporaneidade, não apenas como pintor, mas como visionário que uniu arte, ciência e engenharia, antecipando conceitos modernos por séculos. Seu legado resume-se à união entre imaginação e precisão técnica, desafiando pensadores modernos a não separar arte e ciência.

"O Café Passagem" - Capítulo 7: A Vida de Luísa

GÊNERO - CONTO

Por J.B Wolf
ESCRITOR



Capítulo 7 - A Vida de Luísa

Luísa sempre soube que era diferente, mas nunca da forma que Daniel imaginava.

Enquanto ele crescera com o peso de ver o futuro, ela havia crescido com a sensação constante de estar atrasada para a própria vida. Como se todos ao seu redor tivessem recebido um manual de instruções que ela nunca havia encontrado.

Aos 28 anos, vivia sozinha em um apartamento que decorara três vezes, tentando encontrar uma identidade que se encaixasse. Trabalhava como tradutora freelancer — uma profissão que escolhera não por paixão, mas porque permitia que ficasse em casa, longe da necessidade de explicar sua estranha dificuldade de se conectar com as pessoas.

Não era tímida. Luísa conseguia conversar, sorrir, até mesmo flertar quando necessário. Mas havia sempre uma barreira invisível, como se ela estivesse assistindo à própria vida através de um vidro.

Até conhecer Daniel.

Naquela terça-feira, depois de deixar o apartamento dele com a cabeça fervilhando de revelações sobre dons familiares e avós que pareciam em sonhos, Luísa decidiu fazer algo que evitava há anos: ligar para Sofia.

Sofia Mendes havia sido sua melhor amiga na faculdade, a única pessoa com quem Luísa conseguira formar uma conexão genuína. Psicóloga brilhante, Sofia tinha o dom de enxergar através das máscaras que as pessoas usavam — um talento que sempre deixara Luísa simultaneamente grata e desconfortável.

— Luísa? — A voz de Sofia soou surpresa. — Meu Deus, faz meses que não conversamos!

Como você está?

— Confusa — Luísa admitiu, sentada em sua cozinha com uma xícara de chá que esfriava entre as mãos. — Preciso conversar com alguém, e você é a única pessoa em quem confio para isso. — Claro. Quer que eu vá aí? — Pode ser?

— Estou saindo do consultório agora. Chego em uma hora.

Sofia chegou carregando uma garrafa de vinho e aquele sorriso caloroso que sempre fazia Luísa se sentir menos sozinha no mundo. Aos 30 anos, Sofia havia encontrado o equilíbrio que Luísa ainda procurava: casada com um professor de história, mãe de uma menina de cinco anos, dona de um consultório próspero.

— Então — disse Sofia, servindo vinho para as duas — me conta o que está acontecendo. Você parece... diferente.

— Diferente como? — Mais presente. Menos... como posso dizer... menos como se estivesse observando a própria vida de fora.

Luísa quase engasgou com o vinho. Sofia sempre tivera essa capacidade desconcertante de ir direto ao ponto.

— Conheci alguém — Luísa disse finalmente.

— Ah! — Sofia sorriu. — E é sério, pelo jeito. — É complicado.

— Os melhores sempre são. Me conta.

Luísa hesitou. Como explicar Daniel sem soar completamente louca?

— Ele... ele é diferente. Muito diferente.

— Diferente como? Artista? Estrangeiro?

Casado?

— Ele afirma que pode ver o futuro.

Sofia parou com o copo a meio caminho da boca.

— Como assim?

— Ele escreve sobre coisas que ainda não aconteceram. E elas se realizam.

— Luísa... — Sofia colocou o copo na mesa e assumiu sua postura profissional. — Você está falando sério?

— Completamente. Sofia, ele sabia coisas sobre mim que nunca contei para ninguém. Detalhes íntimos, memórias de infância, até sobre minha coleção de faróis.

— Ele pode ter te investigado. Redes sociais, conhecidos em comum...

— Não há nada sobre os faróis em lugar nenhum. É um segredo que guardo desde os doze anos.

Sofia ficou em silêncio por um momento,

processando.

— E você acredita nele?

— Acreditava. Mas agora ele diz que perdeu a capacidade. Desde que nos conhecemos pessoalmente, não consigo mais ver o futuro.

— Conveniente — Sofia murmurou.

— Não é assim — Luísa se defendeu. — Ele está genuinamente perturbado com isso. Como se tivesse perdido uma parte de si mesmo.

— Luísa, preciso te fazer algumas perguntas, e quero que seja honesta comigo.

— Claro.

— Você já teve relacionamentos sérios antes?

— Você sabe que sim. Teve o Ricardo, na faculdade. E o Marcos, há dois anos.

— E como terminaram?

Luísa suspirou. Sofia conhecia a resposta, mas queria que ela verbalizasse.

— Eu terminei. Com os dois. Quando as coisas começaram a ficar sérias demais.

— Por quê?

— Porque... porque eu sempre sentia que estava representando um papel. Como se não fosse realmente eu que eles amavam, mas uma versão de mim que eu criava para eles.

— E com Daniel?

— É diferente. Pela primeira vez, sinto que alguém me vê de verdade. Não a versão editada que mostro para o mundo, mas... eu.

Sofia se inclinou para frente.

— Luísa, você já considerou que talvez Daniel seja apenas muito observador? Que ele tenha uma capacidade excepcional de ler pessoas e criar uma sensação de intimidade instantânea?

— Você acha que ele está me manipulando?

— Não necessariamente de forma consciente. Mas há pessoas que desenvolvem essas habilidades como mecanismo de sobrevivência. Elas aprendem a espelhar o que os outros querem ver, a criar conexões que parecem mágicas mas são, na verdade, psicológicas.

Luísa sentiu o estômago se contrair.

— Então você acha que estou sendo enganada?

— Acho que você está se apaixonando — Sofia disse gentilmente. — E quando nos apaixonamos, especialmente depois de muito tempo sozinhas, tendemos a romantizar coincidências e transformar observação aguçada em algo sobrenatural.

— Mas e se não for isso? E se ele realmente tivesse essa capacidade?

— Então seria o primeiro caso documentado e verificável de precognição genuína na história da humanidade — Sofia sorriu. — O que,

convenhamos, é estatisticamente improvável.

Luísa ficou em silêncio, girando o copo de vinho entre as mãos.

— Sofia, posso te contar um segredo?

— Sempre.

— Eu quero acreditar nele. Não só na história do dom, mas... eu quero acreditar que é possível duas pessoas se encontrarem e simplesmente se reconhecerem. Como se fossem destinadas uma à outra.

— E por que isso te assusta tanto?

— Porque se for verdade, significa que passei 28 anos esperando por algo que nem sabia que existia. E se for mentira... — a voz de Luísa falhou — se for mentira, significa que sou ainda mais ingênua do que pensava.

Sofia se levantou e abraçou a amiga.

— Luísa, você quer um conselho profissional ou pessoal?

— Os dois.

— Profissionalmente, eu diria para ter cuidado. Para observar se há sinais de manipulação, se ele tenta te isolar de amigos e família, se as "previsões" dele sempre te beneficiam de alguma forma.

— E pessoalmente?

— Pessoalmente? — Sofia sorriu. — Eu diria que você merece ser feliz. E se esse homem te faz sentir vista e amada, talvez a origem dessa sensação seja menos importante que o fato de ela existir.

— Mesmo que tudo seja uma ilusão?

— Luísa, todo amor é, em certa medida, uma ilusão. Nós escolhemos ver o melhor nas pessoas que amamos, ignorar suas falhas, acreditar em versões idealizadas delas. A questão não é se é real ou ilusão. A questão é se te faz bem.

— E se eu me machucar?

— Então você vai se curar, como sempre fez. Mas e se você não se machucar? E se, pela primeira vez na vida, você encontrou alguém que realmente te entende?

Luísa abraçou Sofia com força.

— Obrigada. Por me ouvir sem me julgar.

— É para isso que servem as amigas. Mas Luísa?

— Sim?

— Se você decidir seguir em frente com ele, faça devagar. Conheça a pessoa por trás do mistério. Porque no final das contas, é com o homem que você vai viver, não com o dom.

Depois que Sofia foi embora, Luísa ficou sozinha com seus pensamentos. Pegou o telefone várias vezes para ligar para Daniel, mas sempre desistia. O que diria? Que havia contado sobre

ele para uma psicóloga que achava que ele poderia estar manipulando-a?

Em vez disso, foi até o quarto e abriu a caixa de sapatos onde guardava os faróis em miniatura. Vinte e três pequenas torres, cada uma representando um ano de solidão disfarçada de independência.

Pegou o primeiro farol, o presente da tia Helena. Era pequeno e simples, feito de cerâmica branca com detalhes azuis. Lembrou-se do dia em que o ganhara, logo depois de ler "A Menina do Farol" — um livro sobre uma garota órfã que vivia sozinha em uma torre, guiando navios perdidos para casa.

Talvez fosse isso que sempre fizera: vivido em uma torre, observando a vida dos outros de longe, ajudando-os a encontrar o caminho enquanto permanecia sozinha.

Até que Daniel apareceu.

Daniel, que havia passado quinze anos vendo o futuro mas nunca vivendo o presente. Daniel, que havia perdido seu dom no momento em que a encontrou.

Talvez Sofia estivesse certa sobre a necessidade de cautela. Mas talvez também estivesse certa sobre outra coisa: Luísa merecia ser feliz. E pela primeira vez em 28 anos, a felicidade parecia possível.

Guardou os faróis de volta na caixa e pegou o telefone.

— Daniel? — disse quando ele atendeu. — Sou eu.

— Oi — a voz dele soou aliviada. — Estava pensando em você.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Claro.

— Amanhã à noite, quando formos jantar... podemos fingir que somos apenas duas pessoas normais que se conheceram em um café? Sem dons, sem visões, sem destino. Apenas... nós?

— Adoraria isso — Daniel respondeu, e Luísa pôde ouvir o sorriso em sua voz.

— Ótimo. Porque eu quero te conhecer de verdade, Daniel. Não o homem que via o futuro, mas o homem que escolheu viver o presente.

— E eu quero conhecer você também, Luísa. A mulher real, não a das minhas visões.

Quando desligaram, Luísa se sentiu mais leve do que havia se sentido em anos. Talvez Sofia estivesse certa: a origem da conexão era menos importante que a própria conexão.

E pela primeira vez na vida, Luísa estava pronta para sair de sua torre e descobrir o que significava realmente viver.

LITERATURA

O fim da leitura profunda: estamos perdendo a conexão com os clássicos?



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicóloga Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanertuliano

"Nunca se falou tanto de livros, nunca houve tantas recomendações e tanta facilidade de acesso, e, ainda assim, parece mais difícil praticar a leitura profunda"

Há algo paradoxal acontecendo com a leitura no nosso tempo. Nunca se falou tanto de livros, nunca circularam tantas recomendações, nunca foi tão fácil encontrar qualquer título em poucos segundos. Ainda assim, cresce uma impressão incômoda de que estamos nos afastando de uma experiência essencial da literatura: a leitura profunda. Lemos muito, comentamos muito, salvamos listas intermináveis de obras "imperdíveis". Mas permanecemos pouco tempo dentro delas.

A leitura profunda sempre exigiu uma coisa simples e, ao mesmo tempo, cada vez mais rara: atenção contínua. Não aquela atenção distraída que se divide entre notificações, mensagens e pequenos intervalos de tela, mas uma presença mais demorada diante do texto. Ler, no sentido mais pleno da palavra, nunca foi apenas decifrar frases. É permanecer em companhia de ideias, de vozes narrativas, de conflitos humanos que não se resolvem rapidamente.

Quando pensamos nos grandes clássicos da literatura escritos por mulheres, essa exigência se torna ainda mais evidente. Obras como *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, ou *Mrs Dalloway*, de Virginia Woolf, não foram escritas para leitores apressados. São livros que pedem convivência. Pedem silêncio. Pedem um leitor disposto a acompanhar lentamente as nuances de uma personagem, a ironia de um diálogo, a delicadeza

de um pensamento que se forma entre uma frase e outra.

Em *Orgulho e Preconceito*, por exemplo, o que permanece não é apenas a história de Elizabeth Bennet e suas escolhas afetivas. O romance se sustenta sobretudo na inteligência crítica com que Jane Austen observa a sociedade de seu tempo. A ironia elegante, quase sorridente, revela estruturas sociais rígidas, expectativas impostas às mulheres e jogos sutis de poder. Uma leitura apressada acompanha a trama. Uma leitura atenta percebe a crítica.

Algo semelhante acontece com *Jane Eyre*. Muito além de um romance sentimental, o livro acompanha o processo de formação moral de uma personagem que insiste em preservar sua dignidade em um mundo que não lhe oferece muitas escolhas. A força de Jane não está em gestos grandiosos, mas na consciência de si

mesma. Esse tipo de construção literária exige do leitor algo que hoje parece cada vez mais raro: paciência para perceber camadas.

E então chegamos à escrita de Virginia Woolf, onde a leitura se transforma quase em um exercício de escuta. Em *Mrs Dalloway*, os acontecimentos externos são mínimos. O que realmente se move é o fluxo interior das personagens, suas lembranças, hesitações, pequenas epifanias cotidianas. Woolf nos lembra que a vida humana acontece muito mais dentro da consciência do que nos grandes eventos. Ler esse romance exige acompanhar esse movimento com delicadeza.

Vivemos cercados por estímulos contínuos que fragmentam a atenção. A cada poucos minutos surge um novo convite à dispersão: uma mensagem, um vídeo curto, uma atualização qualquer. Aos poucos, a mente se acostuma a

esse ritmo descontínuo. Permanecer longamente diante de um texto passa a parecer um esforço excessivo, quando na verdade sempre foi apenas parte da experiência de ler.

Isso não significa que os livros tenham perdido importância. O interesse pela leitura continua existindo, e muitas pessoas seguem descobrindo a literatura com entusiasmo. O que parece estar mudando é a forma como nos aproximamos dela. Entre resumos rápidos, explicações simplificadas e comentários imediatos, corre-se o risco de substituir o encontro real com o texto por algo que apenas o imita.

Os clássicos resistem justamente porque não se deixam reduzir com facilidade. Eles continuam oferecendo algo que nenhum resumo consegue substituir: complexidade. Personagens contraditórios. Pensamentos que se desenvolvem lentamente. Perguntas que permanecem abertas mesmo depois da última página.

Voltamos a esses livros por muitas razões. A leitura profunda não serve apenas para compreender uma história ou decifrar um enredo. Ela nos ensina a sustentar a atenção em tempos de dispersão permanente, a conviver com ambiguidades e a acompanhar uma ideia até o fim sem a pressa de encerrá-la. Em um mundo que valoriza respostas imediatas e conclusões rápidas, essa talvez seja uma das experiências intelectuais mais necessárias que ainda podemos cultivar.

Os clássicos escritos por mulheres continuam ali, silenciosos e pacientes, atravessando décadas à espera de leitores dispostos a encontrá-los sem pressa. Não exigem velocidade nem leitura apressada. Pedem apenas aquilo que hoje parece cada vez mais raro: tempo, escuta e disponibilidade para permanecer diante de um texto. No fundo, a pergunta é simples, embora profundamente inquietante: ainda somos capazes de oferecer aos livros o tempo que eles pedem?



IMAGEM GERADAPORIA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/03/2026"

A Literatura Como Defesa da Liberdade no Ocidente



Por Clayton Zocarato
COLUNISTA

Professor, graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP. Formado Especialista em Medicina e Arte com ênfase em Gilles Deleuze e Esquizoanálise onde é também pesquisador do Centro de Medicina e Arte de Rosário - Argentina.

@clayton.zocarato

Ao longo da história, literatura e filosofia caminharam lado a lado como duas formas de interpretar o mundo. Ambas nasceram do desejo humano de compreender a realidade e questionar o poder. No entanto, essa mesma força que pode libertar consciências também pode ser instrumentalizada para moldá-las. A palavra, seja filosófica ou literária, sempre viveu entre dois polos: a liberdade e a doutrinação. A filosofia frequentemente assumiu o papel de denunciar as estruturas de dominação. Pensadores como Hannah Arendt analisaram profundamente as engrenagens do

autoritarismo e dos regimes totalitários. Ao refletir sobre como sistemas políticos podem transformar indivíduos em meros executores de ordens, Arendt mostrou que o perigo não reside apenas na violência explícita, mas também na normalização do poder e na ausência de pensamento crítico. Para ela, a incapacidade de pensar é uma das condições que tornam possível o autoritarismo. De maneira semelhante, a literatura também construiu narrativas capazes de revelar os mecanismos da opressão. Em 1984, de George Orwell, o controle da linguagem se torna o instrumento central de dominação

política. A criação da "novíngua" representa um processo radical de manipulação da realidade: ao limitar as palavras, limita-se também a possibilidade de pensar. A obra demonstra que a liberdade intelectual depende diretamente da liberdade da linguagem. Outro exemplo marcante encontra-se na obra de Albert Camus, especialmente em *A Peste*. Embora apresentada como uma narrativa sobre uma epidemia, a história é frequentemente interpretada como uma alegoria das sociedades submetidas ao autoritarismo. Camus sugere que a resistência nem sempre ocorre por meio de grandes gestos

heroicos, mas através de pequenas escolhas éticas que afirmam a dignidade humana. No entanto, a mesma literatura que denuncia o poder também pode servir como instrumento de legitimação ideológica. Regimes autoritários historicamente compreenderam o poder das narrativas e da educação cultural. Livros, discursos e teorias podem ser utilizados para reforçar mitos nacionais, silenciar dissidências e transformar a arte em propaganda. Nesse contexto, a palavra deixa de ser um espaço de liberdade e passa a funcionar como mecanismo de conformidade.

É justamente por isso que a leitura crítica se torna fundamental. Quando filosofia e literatura são abordadas como campos abertos de reflexão, elas ampliam horizontes e estimulam a autonomia intelectual. Mas quando são transformadas em doutrina rígida, perdem sua potência questionadora e tornam-se ferramentas de controle.

Talvez a maior lição deixada pelos pensadores e escritores que refletiram sobre o autoritarismo seja a seguinte: a liberdade não depende apenas das instituições políticas, mas também da vitalidade da cultura e da capacidade de pensar. Enquanto houver leitores dispostos a questionar e escritores dispostos a inquietar, a palavra continuará sendo um território onde a liberdade ainda pode respirar.



IMAGEM GERADAPORIA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/03/2026"

"A Palavra sob Vigilância: Literatura, Filosofia e os Limites da Liberdade"

LITERATURA

Linhas Cruzadas: Joyce e a Temperatura do Mundo



Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Jornalista, Comendadora e Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras da Humanidade, Professora de Português e Literatura, Palestrante Internacional e Pesquisadora em Educação e Tecnologias Educacionais e MBA em Saúde Mental no Trabalho

@prof.alineabreu

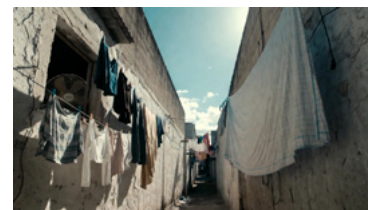
"Entre o verão punitivo da laje da avó e o verão "educado" dos apartamentos no Morumbi onde a mãe trabalha como diarista"

Joyce aprendeu cedo que a cidade não era a mesma para todo mundo. Não foi por livro, nem por mapa, nem por professor em sala de aula. Foi pela pele.



Em Heliópolis, o calor subia do chão como se a rua respirasse fogo. A laje da casa da avó queimava a sola do pé, o corredor apertado prendia o vento, e o ventilador da sala fazia mais barulho do que milagre. No verão, a geladeira trabalhava dobrado e a conta de luz vinha como castigo. A mãe, Sandra, repetia enquanto estendia roupa na corda da área:

— "Menina, fecha essa porta que o frio foge." Mas não havia frio suficiente para fugir. Havia apenas o pouco. Pouca sombra. Pouca árvore. Pouco espaço. Pouco descanso.



Do outro lado da cidade, onde Sandra passava o dia limpando vidros que davam para jardins irrigados, havia outro verão. Lá no Morumbi, o calor parecia mais educado. Chegava, mas não se instalava com a mesma violência. Entrava pelas varandas largas, era vencido pelo ar-condicionado, diluído nas copas das árvores, contido pelas paredes grossas e pelos silêncios caros dos apartamentos. Joyce descobriu isso ainda menina, quando começou a acompanhar a mãe em alguns trabalhos de fim de semana.

A primeira vez que Joyce subiu com a mãe até um daqueles prédios, achou que tinha entrado em outro país. O elevador era espelhado, o hall cheirava a flor que não crescia no seu bairro, e o chão não devolvia o calor para o corpo. Havia água fresca na geladeira de inox, frutas arrumadas numa fruteira grande demais, e um cachorro que dormia em almofadas mais macias do que o colchão de sua casa.

— "Não mexe em nada", sussurrou Sandra para Joyce, já amarrando o pano na cintura.

Joyce não mexeu. Só olhou. Olhou tanto que aquilo ficou dentro dela como ficam certas humilhações e certos desejos: sem nome no início, mas insistentes.

Na volta para casa, o ônibus descia a cidade como quem desce uma escada invisível. E era sempre nessa hora, entre o vidro embaçado e o cansaço da mãe, que Joyce percebia que São Paulo também era feita de temperatura social. No Morumbi, o verão era abafado. Em Heliópolis, era punitivo.

Sandra, sem nunca ter lido teorias sobre desigualdade, conhecia suas regras pelo cansaço. Aprendeu a sustentar o mundo com as mãos. Passava roupa, lavava banheiro, esfregava chão, deixava a própria coluna nos apartamentos alheios para que a filha pudesse estudar. Havia nela uma dignidade áspera, dessas que não fazem discurso, mas deixam marcas. Joyce cresceu observando essa força e entendendo, ainda menina, que para mulheres como sua mãe nada vinha inteiro, nada vinha fácil, nada vinha sem custo.

— "Você não vai viver de favor na casa dos outros", dizia a mãe.

Só que Sandra sabia, e Joyce também, que estudar não desfazia o mapa da cidade. No máximo, ensinava a lê-lo.



Joyce foi boa aluna. Não porque tivesse vocação para ser exemplo, mas porque entendeu cedo que, para meninas como ela, o erro custa mais caro. Aprendeu a falar baixo, a escrever bonito, a pedir desculpa mesmo quando não sabia por quê. Na escola pública do bairro, ganhou de uma professora de português um livro já usado, com páginas amareladas e anotações a lápis. Era Memórias de Martha. Levou para casa sem imaginar que ali, entre aquelas linhas, encontraria uma prima antiga.

Leu devagar, deitada perto da janela, com a testa úmida e o barulho da rua entrando aos pedaços. Leu uma menina pobre narrando a própria vida e percebeu o milagre: alguém tinha transformado em literatura aquilo que o resto do mundo chamava apenas de destino.

Joyce ainda não conhecia Martha direito, mas já vivia perguntas parecidas com as dela. Muito antes de encontrar o romance de Júlia Lopes de Almeida, já intuía, sem saber formular, que a cidade havia sido desenhada para que alguns atravessassem a vida por corredores sombreados, enquanto outros precisassem inventar sombra com o próprio corpo. Essa descoberta não veio de uma vez. Foi se formando aos poucos, no calor que subia da laje, no silêncio obediente dos elevadores do Morumbi, no jeito como a mãe chegava exausta e, mesmo assim, punha a casa em ordem antes de descansar.



Na semana seguinte, comentou com a professora:

— "Parece que a Martha sabe umas coisas antes de todo mundo."

A professora sorriu:

— "Quem sofre cedo aprende a perceber antes."

Essa frase nunca saiu dela.

Joyce cresceu, prestou vestibular, entrou numa universidade pública e, numa dessas ironias que a cidade adora praticar, foi dar aula justamente numa escola particular do Morumbi. Todos os dias fazia o trajeto entre Heliópolis e aquele pedaço arborizado de São Paulo onde o calor, ainda no século vinte e um, chegava a ser até quinze graus menor do que em bairros como o dela. Não era metáfora. Era dado. Satélite. Pesquisa. Superfície medindo o que a pele já sabia.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/03/2026"

Na sala dos professores, a conversa às vezes passava pela onda de calor. Uma colega dizia:

— "Está insuportável. Meu ar-condicionado quebrou e eu quase morri ontem."

Joyce pensava na avó sentada diante de um ventilador antigo, toalha molhada no pescoço, janela aberta para um vento que não vinha. Pensava nas crianças de Heliópolis tentando dormir em quartos baixos, com telha esquentando até de madrugada. Pensava na conta de luz chegando como uma ameaça. Pensava que até o suor era desigual.

Um dia, uma aluna do terceiro ano reclamou enquanto guardava o celular na mochila:

— "Professora, eu não consigo render nesse calor."

Joyce olhou pela janela da sala climatizada e respondeu com calma:

— "Imagine render num bairro onde o calor entra pela parede."

A menina ficou sem reação. Talvez não tenha entendido totalmente. Talvez ninguém entenda de verdade o que nunca precisou atravessar.

Mas Joyce não disse aquilo por amargura. Disse porque se cansou de ver o desconforto tratado como experiência universal. Não era. O calor não batia em todos da mesma forma. O verão tinha CEP.

Em casa, à noite, Sandra agora trabalhava menos. As mãos continuavam ásperas, a postura ainda carregava os anos de serviço, mas havia orgulho na forma como arrumava a mesa para jantar. Gostava de ouvir a filha contar da escola.

— "E os meninos de lá, como são?", perguntava.

— "São meninos, mãe. Só que crescem achando que o mundo combina com eles."

Sandra soltava um riso curto, sem humor.

— "Isso ajuda muito."

Joyce também ria, mas por dentro pensava em Martha. Na ascensão parcial, na distância que não desaparece, no esforço que não garante pertencimento. Estava do lado de dentro da escola, tinha diploma, carteira assinada, voz firme em sala de aula. E, ainda assim, às vezes sentia que seu corpo carregava um documento secreto, visível apenas aos olhos treinados da cidade. Um jeito de sentar. Uma origem na pronúncia de certas palavras. Um excesso de cuidado. Uma prontidão antiga para não incomodar.

Foi também isso que aprendeu com Memórias de Martha: subir não é o mesmo que ser aceito. Mudar de espaço não significa deixar de ser medida pela régua da origem.

No auge daquele verão em que os jornais publicaram mapas térmicos de São Paulo como se revelassem uma novidade, Joyce quis rir da surpresa geral. "Diferença de até 15 °C entre Paraisópolis e Morumbi", dizia a manchete. Heliópolis acima dos 44°C. Capão em quase 47°C. Soluções baseadas na natureza, corredores

verdes, árvores, telhados vivos. Tudo correto, tudo urgente, tudo tardio.

Ela leu a notícia no celular dentro do ônibus, a caminho de casa. Ao seu lado, uma mulher abanava o rosto com uma apostila. Mais à frente, um menino dormia no colo da mãe, a testa molhada, o corpo vencido pelo calor antes mesmo de vencer o dia. Joyce guardou o telefone e ficou olhando a cidade passar.

Pensou que Martha, se vivesse hoje, talvez escrevesse não apenas sobre o cortiço e a escola, mas sobre a temperatura. Sobre como a desigualdade também se mede em graus, em sombra, em circulação de ar, em chance de respirar sem esforço. Talvez escrevesse sobre mães que continuam sustentando o mundo com as mãos, embora a cidade insista em chamá-las apenas de mão de obra. Talvez escrevesse sobre filhas que estudam para fugir e, quando conseguem, descobrem que a fuga nunca é completa.



Naquela noite, ao chegar em casa, encontrou Sandra sentada perto da porta, buscando o pouco vento que corria pelo corredor.

— "Hoje foi brabo", disse a mãe.

— "Foi", respondeu Joyce, deixando a bolsa no sofá.

Ficaram caladas por alguns segundos, escutando o ventilador e os ruídos do bairro.

Depois, Sandra perguntou:

— "Você acha que um dia isso muda?"

Joyce olhou para a rua estreita, para o concreto quente, para a lua pálida acima dos fios, e pensou na cidade, em Martha, na própria vida, nas meninas que ainda estavam começando a perceber o mundo.

— "Muda", disse por fim. "Mas não sozinho." Sandra assentiu, como quem conhece a diferença entre desejo e trabalho.

E foi nesse instante, entre o calor acumulado do dia e a noite que custava a refrescar, que Joyce entendeu o que a ligava de forma tão funda àquela personagem do século dezanove. Não era só a pobreza, nem a mãe sacrificada, nem a escola como travessia. Era a consciência dura de que a cidade, o país, o tempo, tudo parece mudar depressa para alguns e devagar demais para outros.

Martha saía do cortiço carregando consigo a marca do cortiço. Joyce saía de Heliópolis levando Heliópolis no corpo. Não como vergonha. Como verdade.

No dia seguinte, pisaria novamente no chão

fresco da escola do Morumbi, abriria a janela de uma sala com temperatura controlada e falaria sobre literatura como quem oferece água. Talvez algum aluno entendesse. Talvez não. Mas ela seguiria.

Porque, no fundo, há mulheres que estudam não apenas para subir na vida. Estudam para nomear o mundo. E, quando conseguem, ainda que em voz baixa, o mundo já não permanece exatamente o mesmo.

Conexão com o livro "Memórias de Martha" (1899), de Júlia Lopes de Almeida

Esta crônica estabelece diálogo com "Memórias de Martha" ao recuperar, em chave contemporânea, a trajetória de uma jovem marcada pela desigualdade social, pela observação precoce das diferenças de classe e pela educação como possibilidade de deslocamento, embora nunca como garantia plena de pertencimento. Assim como Martha, Joyce é uma personagem que aprende cedo a ler o mundo por meio da privação, da humilhação silenciosa e do esforço materno para mantê-la em movimento.

No romance de Júlia Lopes de Almeida, a protagonista narra a própria formação em meio à pobreza, à instabilidade e às limitações impostas às mulheres de sua condição social. Na crônica, essa experiência ressurge no contraste entre Heliópolis e Morumbi, onde a desigualdade não aparece apenas na renda, na moradia ou no acesso a oportunidades, mas também no calor, no corpo e nas formas de atravessar a cidade. Dessa maneira, o texto atualiza a sensibilidade social de "Memórias de Martha" e mostra que certas distâncias históricas ainda persistem, apenas assumindo novas feições.

A conexão também se dá na figura da mãe. Em ambas as narrativas, a maternidade aparece associada ao trabalho exaustivo, ao sacrifício e à tentativa de abrir caminhos para a filha. Sandra, como a mãe de Martha, sustenta o presente com o próprio corpo para que a jovem possa imaginar outro futuro. Por isso, a crônica não apenas homenageia o romance de 1899, mas reafirma sua atualidade: a luta por estudo, dignidade e reconhecimento ainda atravessa a vida de muitas mulheres, sobretudo quando a cidade e a sociedade continuam distribuindo sombra e calor de forma desigual.

Curiosidade

Em São Paulo, o calor também revela desigualdades. Um estudo com imagens de satélite mostrou que, no verão de 2024/2025, Paraisópolis chegou a registrar temperaturas de superfície de até 45 °C, enquanto o Morumbi, bairro vizinho, ficou em torno de 30 °C. Isso significa uma diferença de até 15 °C entre lugares separados por poucos quilômetros. Em outras palavras, a desigualdade urbana também pode ser sentida na pele: onde há menos árvores, mais concreto, telhas metálicas e pouca circulação de vento, o calor se acumula com mais força, aumentando os riscos à saúde e os gastos das famílias com energia.

CULTURA

Identidade Cultural do Artesanato Brasileiro



IMAGEM GERADA POR IA "usando Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/03/2026"



Por Beth Baltar
COLUNISTA

Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel.

@beth_baltar

“O artesanato brasileiro como uma expressão milenar da criatividade e da identidade do país”

A produção artesanal é uma expressão artística milenar que acompanhou a história da humanidade. Por mais heterogênea e diversa que seja a cultura brasileira, constituída por distintas raças, etnias, tradições, cores e formas, existe algo que a une de norte ao sul, de leste ao oeste: o artesanato.

O artesanato é definido como produtos confeccionados por artesãos, seja totalmente manual ou com uso de ferramentas, representa em uma das formas mais ricas de expressão da cultura e da criatividade do povo.

Através de técnicas passadas de geração a geração e do uso de materiais locais, o artesanato expressa de forma visual e material a identidade do local em que é produzido. Cada região do Brasil possui características únicas que se manifestam em seus estilos de artesanato, resultando em uma ampla variedade de técnicas, materiais e designs, agregando o valor cultural e identitário ao artefato.

De volta ao passado, o artesanato brasileiro remonta a tempos ancestrais, com influências indígenas, europeias, africanas e asiáticas. Os indígenas confeccionavam peças criadas com materiais da natureza, como a palha, madeira, sementes e argila, como as cestarias, cerâmicas, máscaras e instrumentos musicais; já as cores e ritmos, são características do artesanato de tradições africanas como metais, tecidos com cores marcante, desenhos geométricos e símbolos religiosos; os bordados, rendas, tapeçarias e técnicas de marcenaria são as contribuições europeias para a arte brasileira.

Estes mosaicos de culturas são exemplos que demonstram a diversidade cultural e da criatividade do povo brasileiro e cada região do país, embora com essas influências culturais, traz sua identidade e criatividade artesanal.

Os estilos regionais do artesanato do Brasil são encantadores:

As rendas de bilro e bordados, delicados e de cores vibrantes, artes em barro, pedra, couro, palha e tapeçaria, entre outros materiais, com fortes influências africanas, indígenas e portuguesas, marcam o artesanato na região Nordeste, principalmente no estado do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Bahia.

O artesanato na região Sudeste reflete a tradição e a modernidade encontrados nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, com peças em madeira, cerâmica, com uma variedade de técnicas e uso criativo de materiais reciclados, além de crochê, tricô, bordados e couro e trabalhos em pedra-sabão em Minas Gerais.

A região Centro-Oeste é marcada pela tradição indígena e pela cerâmica que retratam a fauna, a flora e a espiritualidade indígena, principalmente nos estados do Mato Grosso do Sul e Goiás.

A conexão entre o homem e a natureza, a biodiversidade da Amazônia e da cultura indígena influenciam a confecção de peças feitas com materiais naturais como a madeira, fibras vegetais e sementes na região Norte. Destaca-se nesta região a cerâmica marajoara, pelos seus

desenhos e símbolos, no estado do Pará e o capim dourado em Tocantins, na confecção de brincos, bolsas, cestos e anéis, entre tantas outras peças.

A tradição europeia se faz presente na região Sul, nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, com técnicas de bordados, madeira e tecelagem, deixados pela herança cultural dos imigrantes europeus. A sustentabilidade se sobressai com a utilização da lã de ovinos para peças de tricô, crochê e em técnicas de tecelagem. Nesta região também se encontram artesanatos feitos com renda de bilro, cerâmica, madeira e vidro, além do couro muito presente no vestuário, chapéus e cuias.

O artesanato brasileiro é um patrimônio cultural que expressa a identidade, o cotidiano e a resistência de diversos povos, além de ser uma atividade econômica criativa. A valorização e o consumo destes artefatos preservam os saberes e fazeres ancestrais, promovendo, consequentemente a diversidade cultural do Brasil.

O artesanato do Brasil é muito mais do que simples conjunto de objetos, é uma expressão viva da identidade e cultura do país. E dentre tantas riquezas culturais, o artesanato tem um papel importante na economia, na preservação da identidade, no desenvolvimento sustentável, no empreendedorismo e na inclusão social.

GÊNERO - CONTO

O Colecionador de Suspiros

Por J.B Wolf



Capítulo 6º - Fim

No hospital, a enfermeira Carla continuava carregando o frasco no bolso do uniforme. Ela havia tentado se livrar dele várias vezes, mas sempre acabava voltando para pegá-lo. Era como se o objeto exercesse uma atração magnética sobre ela.

Durante os plantões, ela notou que sua capacidade de ouvir os pacientes havia se intensificado. Não apenas suas palavras faladas, mas também aquelas que ficavam presas na garganta, que se formavam no pensamento mas nunca encontravam voz. Era um dom perturbador e belo ao mesmo tempo.

Uma noite, enquanto cuidava de um senhor de oitenta anos em estado terminal, ela ouviu claramente a palavra "obrigado" se formando em seus lábios, embora ele estivesse inconsciente há dias. Instintivamente, ela segurou o frasco e sussurrou:

— Eu ouvi. Você não precisa mais guardar isso.

O homem morreu pacificamente cinco minutos depois, com um sorriso sereno no rosto.

Carla compreendeu então que havia herdado mais do que um simples frasco. Havia se tornado a nova guardiã das palavras não pronunciadas, a sucessora de uma tradição que ela nem sabia que existia.

Mas são apenas ecos.

Ou talvez não. Talvez sejam sementes de uma nova coleção, fragmentos de almas que se recusam a partir sem dizer o que precisam dizer. Talvez o ciclo esteja apenas começando, com novos coletores e novos frascos, numa dança eterna entre palavra e silêncio.

Ecos são tudo o que resta quando finalmente aprendemos a falar.

Mas às vezes, quando a noite está suficientemente quieta e o coração suficientemente aberto, os ecos se transformam em sussurros. E os sussurros, se alguém estiver realmente ouvindo, podem se tornar palavras.

E as palavras, quando finalmente encontram voz, têm o poder de libertar não apenas quem as pronuncia, mas também quem as escuta.

No apartamento do Bixiga, a pequena Sofia continua acordando nas madrugadas, estendendo as mãozinhas para o ar como se estivesse coletando algo invisível. Seus pais acreditam que ela está brincando com sombras na parede.

Mas Sofia sabe a verdade.

Ela está aprendendo a ouvir.

E um dia, quando crescer, talvez se torne a próxima colecionadora de palavras perdidas.

Ou talvez se torne algo ainda mais poderoso: alguém que ensina as palavras a não se perderem.

O tempo dirá.

O tempo sempre diz, mesmo quando ninguém está ouvindo.

FIM....



@poetajbwolf



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/03/2026"

CULTURA

O resgate da cultura clássica: por que Homero, Virgílio e Dante ainda importam?



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profrenatamunhoz

Você já leu algum dos chamados “clássicos” da literatura universal? Por mais que os colégios incentivem esse tipo de leitura com versões adaptadas, é comum ouvirmos que os livros considerados “clássicos” parecem envoltos em uma nuvem de distanciamento... Embora cada vez mais cobrada socialmente, a habilidade de interpretação de texto tem sido uma “pedra no caminho” dos cidadãos atuais. O excesso de informações disponíveis parece não contribuir para a formação de leitores proficientes. Prova disso é o constante aumento dos números de analfabetos funcionais no Brasil (29% da população entre 15 e 64 anos, conforme o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) de 2024).



Embora autores canônicos como Homero, Virgílio e Dante Alighieri pareçam pertencer a um universo inacessível a muitos leitores contemporâneos. Mas o que é ser “canônico”, afinal? Um texto canônico é uma obra considerada fundamental, que não perde a validade com o passar do tempo. Normalmente por tratarem de questões intrínsecas aos conflitos humanos sempre atuais, essas obras servem como padrão e referência para um embasamento cultural a qualquer área do saber. Com o passar dos séculos, as grandes questões da alma humana permanecem surpreendentemente as mesmas.

Sendo assim, a cultura clássica, frequentemente associada a bibliotecas eruditas e ambientes acadêmicos, na realidade constitui uma das bases do imaginário coletivo do Ocidente. São referências a todo cidadão e não apenas aos pesquisadores eruditos. Trata-se de histórias de heróis, jornadas espirituais, dilemas éticos e reflexões sobre o destino humano. Por exemplo, a poesia épica de livros como A Odisseia e A Ilíada, cujas autorias são atribuídas a Homero, apresentam estruturas narrativas que fundamentam grande parte do que assistimos em filmes e séries nos streamings atuais..

Esse fenômeno foi analisado pelo mitólogo Joseph Campbell, que, em O Herói de Mil Faces, em que se descreve a recorrência

da chamada “jornada do herói”. Segundo Campbell, diferentes culturas compartilham narrativas estruturadas em torno de um percurso de transformação: o herói deixa seu mundo cotidiano, enfrenta desafios, amadurece e retorna transformado.



Entre esses textos fundadores, destaca-se também A Eneida, de Virgílio, uma obra que articula literatura, política e identidade cultural. Ao narrar a trajetória de Eneias rumo à fundação de uma nova civilização, Virgílio constrói uma reflexão sobre dever, responsabilidade histórica e pertencimento. Os versos revelam como a literatura desempenha papel decisivo na formação de valores e na construção da memória coletiva.

Outro exemplo incontornável é A Divina Comédia, de Dante Alighieri. Recentemente,

ao reler essa obra monumental, voltei a me impressionar com a profundidade de sua arquitetura poética. O percurso de Dante pelas partes do “Inferno”, “Purgatório” e “Paraíso” revela mais que o pensamento religioso do período medieval, retrata o constante dilema das ações humanas no “binômio bem e mal”.

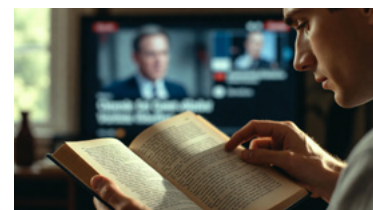
Por ser parte essencial da formação cultural de qualquer sociedade, cabe a reflexão de que o cânone literário consiste em mais uma manifestação de elitismo cultural no Brasil. Nesse sentido, em tempos de tanto tanto discurso de ódio, devemos retomar o olhar de um dos maiores estudiosos brasileiros de Literatura, Antonio Candido. Em seu ensaio “Direito à Literatura”, Candido, comprova cientificamente que ser a literatura uma necessidade humana fundamental, bem como a educação, a arte e a cultura. É por meio da leitura que se formam a sensibilidade, a imaginação e empatia.

Felizmente, várias iniciativas recentes têm buscado reaproximar o público dessas obras. Clubes de leitura e projetos educacionais inspirados por instituições como o Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de São Paulo demonstram que existe um interesse renovado pela tradição clássica. Esse movimento de resgate prova a consciência de que as obras canônicas da

literatura universal permanecem fundamentais para a compreensão da experiência humana.

Ao revisitarmos, entramos em contato com perguntas que atravessam séculos: o que significa agir com justiça? qual o peso das escolhas individuais? de que modo a esperança e a redenção se tornam possíveis?

Em um mundo de textos cada vez mais acelerados, redescobrir os clássicos pode ser uma forma de recuperar a profundidade intelectual e a sensibilidade humana e estética. E, mais que isso, autores como Homero, Virgílio e Dante trazem à tona a inadiável reflexão sobre a consequência das ações individuais. Diante das notícias de tanta crueldade humana, por si só, essa análise sobre as ações de cada um já valeria todas as palavras já escritas por um ser humano...



“O elitismo cultural em torno do cânone, lembrando, com Antonio Candido, que literatura é direito e necessidade humana básica, não privilégio.”



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/03/2026”

O Perigo da Cultura de Cancelamento: Intolerância Disfarçada de Virtude



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicóloga Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanertuliano

quase sempre envolto em um discurso sedutor. Ela se apresenta como vigilância ética, como defesa de valores e como expressão de justiça moral. A aparência é virtuosa. A prática, no entanto, revela traços menos nobres.



Por trás dessa fachada costuma existir uma combinação preocupante de pressa em julgar, escassez de escuta e uma satisfação pública em condenar. As redes sociais, que poderiam ampliar horizontes de diálogo, frequentemente se transformam em arenas de julgamento moral. Ali, opiniões são analisadas em segundos e sentenças são proferidas com rapidez impressionante, como se a complexidade humana pudesse ser resolvida em poucos caracteres.

Basta um comentário deslocado, uma opinião impopular ou uma frase retirada de contexto para desencadear uma reação coletiva. Multidões digitais se mobilizam com uma velocidade impressionante. Não para compreender circunstâncias, mas para rotular.

Não para ponderar argumentos, mas para decretar culpados. A pessoa deixa de ser vista em sua totalidade e passa a ser reduzida a um único episódio, tratado como prova definitiva de sua identidade moral.

Esse fenômeno revela muito sobre o clima intelectual da nossa época. Quando a discordância passa a ser tratada como falha moral, o debate público perde densidade. Ideias deixam de ser examinadas com rigor e passam a ser policiadas como se cada palavra carregasse o potencial de um delito.

A filósofa Hannah Arendt lembrava que o pensamento exige pausa, distanciamento e disposição para considerar perspectivas diferentes. Pensar é um exercício que demanda tempo, reflexão e coragem intelectual. Nada disso se harmoniza com o ritmo vertiginoso das conexões digitais, onde a indignação surge antes da compreensão e a certeza aparece antes da análise.

Em vez de reflexão, instala-se a indignação automática. Em vez de diálogo, prospera um ambiente de vigilância constante sobre palavras e opiniões. Nesse cenário, a crítica deixa de ser instrumento de esclarecimento e passa a funcionar como mecanismo de exclusão social. O erro deixa de ser oportunidade de aprendizado e passa a ser tratado como sentença definitiva.

Quando a virtude se transforma em

espetáculo público, a justiça corre o risco de perder sua substância. O debate se empobrece, o pensamento se torna cauteloso demais para ser honesto e a liberdade de expressão começa a conviver com um medo silencioso.

Sociedades intelectualmente maduras não se fortalecem pelo silêncio imposto, mas pela convivência com a divergência. Ideias precisam ser debatidas, erros precisam ser revistos e seres humanos precisam ser reconhecidos em sua complexidade. Uma cultura que transforma cada falha em condenação perpétua não produz justiça nem promove reflexão. Ela apenas substitui o

diálogo pela punição pública e transforma o espaço democrático em um território cada vez mais estreito para o pensamento livre.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/03/2026”

FILOSOFIA

A Alma Imortal: Por Que Esse Debate Ainda Nos Fascina



Por Magna Aspásia
COLUNISTA

Professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica-Philosophos Immortalem-Ph.I.Dra.Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.),
@fontenellemagna

“A alma é imortal, superior ao corpo e portadora de conhecimentos de vidas anteriores”



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/03/2026"



Muito tem se questionado sobre a imortalidade da alma, alguns estudiosos contemporâneos como o escritor brasileiro, Ricardo Kelmer, mencionam na sua obra “Quem apagou a Luz”, suas experiências espiritualistas como reencarnações. Essas experiências transcendem o senso comum e nos leva a reflexões.

Essas indagações nos instigam a buscar respostas para o entendimento da imortalidade da alma. O acontece e para onde se vai após o desencarne?

Nos primórdios a filosofia platônica defendia a imortalidade da alma como algo transcendental e superior a condição humana. A matéria (o

corpo) seria a casa ou residência finita e, o espírito teria vasto conhecimento de verdades adquiridas de vidas pretéritas.

Por outro lado, Aristóteles, difere de Platão, pois, via a alma como advento animador do ser humano. Essa busca incessante ultrapassa milênios desafiando religiões, pesquisas, culturas e a imaginação humana.

Entretanto Santo Agostinho, sustentava a ideia de que a alma é criada por Deus e superior ao corpo, portanto imortal e ao morrer se ia para o Céu ou outro local de direito dependendo do uso de seu livre arbítrio.



Sabedores de nossa finitude, essas indagações,

nos intrigam sobre maneira, sobre o pensar sobre a imortalidade e a consciência(alma), é o princípio da existência humana.



Algumas religiões como o Cristianismo tem a alma como continuação da vida terrena no mundo espiritual. No Budismo e Hinduísmo a alma é também chamada de consciência, dando a ideia de que é contínua por meio de renascimentos que levam a aprendizados, que nos dizem que de uma maneira peculiar que a vida não finda com a morte física.

Por que esse tema nos intriga?

As vezes por termos a consciência de que

por mais que o homem evolua, vá a lua, marte, crie maquinas perfeitas(robôs) desenvolva tecnologias de última geração o assunto alma e suas nuances seja um dos princípios mais desafiadores de existência humana.

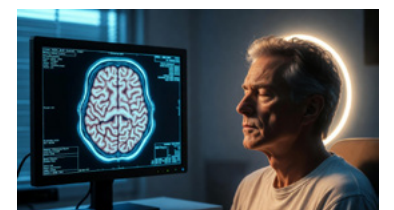
Chico Xavier um dos maiores médiuns brasileiro, nos fala por meio de suas psicografias de Emmanuel, a visão filosófica e espírita de que a morte é apenas uma passagem do corpo físico para o corpo espiritual(alma), alicerçando sua individualidade e que a vida é um processo terreno, que leva os espíritos a se evoluírem nas nuances de evolução espiritual.

No contexto literário, obras abordam o tema alma como reflexo do espírito perpassando pela sensibilidade com nuances de memórias, além do anseio reflexivo do interior de cada um. Alguns escritores e estudiosos veem a alma como uma chama divina eterna que não dissipa com o tempo e nem com a adversidade, pois ela é imortal.

Por outro lado, a neurociência tenta entender como a consciência funciona a partir do funcionamento do cérebro e a ciência e a

filosofia nos fazem questionar se a mente pode ser explicada apenas por processos biológicos. A linha entre ciência, filosofia e espiritualidade ainda está aberta. Talvez o verdadeiro enigma não seja que a alma é eterna, mas que a realidade humana é misteriosa.

E duvidar da alma é uma questão de quem somos, de onde viemos e para onde vamos. É por essa razão que há um argumento contínuo pela alma imortal. Enquanto houver consciência, memória e esperança, essa questão perene persistirá: Se algo dentro de nós superou o tempo e a morte.



VOCÊ SENTE QUE VOCÊ OU O SEU NEGÓCIO TEM POTENCIAL, MAS ALGO AINDA ESTÁ TRAVANDO O CRESCIMENTO?

Somos especialistas em criação de logos, artes visuais impactantes e mentoria estratégica de negócios.

QUER SABER COMO FUNCIONA?

81 99590.9237

Mais de 3 mil
marcas criadas no
Brasil e em mais
16 países.

MAIS DE 200
MASCOTES CRIADOS



MASCOTE PERSONALIZADO R\$100



EDUCAÇÃO

O Professor como Autoridade: Um Modelo Subestimado



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicóloga Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanertuliano

EDUCAÇÃO

"A palavra "autoridade" passou a ser associada ao autoritarismo, especialmente no debate educacional das últimas décadas."

Nas últimas décadas, a palavra autoridade passou a causar desconforto no debate educacional. Em muitos espaços, especialmente entre discursos que defendem uma educação mais democrática, ela passou a ser automaticamente associada ao autoritarismo. Essa equivalência, porém, simplifica uma questão complexa e acaba contribuindo para o enfraquecimento simbólico do próprio papel do professor.

Convém lembrar que a pedagogia progressista nunca defendeu a ausência de autoridade. Pelo contrário. O Patrono da Educação Brasileira,



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/03/2026"

Paulo Freire, foi bastante claro ao diferenciar autoridade de autoritarismo. Para ele, ensinar exige uma autoridade legítima, construída no conhecimento, na responsabilidade ética e no compromisso com a formação dos estudantes. O problema nunca esteve na autoridade em si, mas em sua forma opressiva.

Freire defendia que o professor não deveria abdicar de sua posição pedagógica. Ensinar implica ocupar um lugar de mediação entre o saber historicamente construído e o estudante que se encontra em processo de formação. Essa mediação não anula o diálogo; ao contrário, cria as condições para que ele exista com densidade e sentido.

Nessa mesma direção, a pesquisadora Magda Soares contribuiu de forma decisiva ao discutir alfabetização e letramento. Em sua obra, destaca o papel do professor como mediador competente do conhecimento, alguém que organiza situações de aprendizagem e conduz o estudante na apropriação da cultura escrita. Ensinar, nesse contexto, não significa abandonar o estudante à descoberta solitária, mas intervir pedagogicamente para que o aprendizado se concretize com qualidade.

A presença ativa do professor, portanto, não se opõe à autonomia do estudante. Ao contrário, constitui uma das condições para que ela se desenvolva de forma crítica.

Parte das tensões atuais nasce de uma leitura apressada da ideia de educação democrática. Em nome da horizontalidade, surgem propostas que reduzem o professor à condição de mero facilitador, como se todos os saberes ocupassem exatamente o mesmo lugar dentro da sala de aula. Essa interpretação, embora bem-intencionada, produz uma falsa equivalência entre experiência individual e conhecimento sistematizado.

Defender a autoridade docente não significa sustentar modelos rígidos ou hierarquias inflexíveis. Uma educação emancipadora depende de diálogo, escuta e participação. O diálogo, entretanto, não dispensa alguém que organize o processo de aprendizagem, proponha percursos e sustente critérios pedagógicos.

Recuperar uma noção equilibrada de autoridade pedagógica torna-se uma tarefa urgente. Uma autoridade que não humilha, mas orienta. Que não silencia, mas amplia a capacidade de pensar. Que não se impõe pelo medo, mas pelo reconhecimento de sua função formativa.

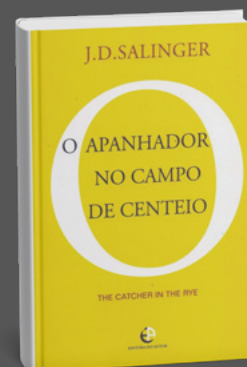
Entre o autoritarismo e a dissolução do papel docente, existe um caminho que preserva o sentido da escola e a dignidade da profissão. A autoridade pedagógica consciente, ética e comprometida com a formação humana continua sendo uma das bases mais sólidas do processo educativo.



RESENHA LITERÁRIA

O Apanhador no Campo de Centeio - J.D. Salinger

Por J.B Wolf



FAZER DOWNLOAD

Salinger apresenta um retrato cru e honesto da luta interna de Holden, destacando sua profunda sensação de desilusão com o mundo adulto, que ele vê como hipócrita e insensível. A jornada de Holden por Nova York, em busca de um lugar onde possa se sentir em casa, é um reflexo angustiante e comovente do desejo universal de conexão e compreensão.

A prosa de Salinger é marcada por um estilo coloquial e introspectivo que captura perfeitamente a voz de Holden, tornando suas experiências e pensamentos palpáveis e autênticos. A narrativa é repleta de momentos de humor e tristeza, oferecendo uma visão complexa e empática da mente de um jovem perturbado.

"O Apanhador no Campo de Centeio" é uma obra que continua a ressoar com leitores de todas as idades, oferecendo uma profunda reflexão sobre a vulnerabilidade humana e a dificuldade de encontrar um sentido no mundo. É um romance que não só entretém, mas também provoca uma introspecção sobre as próprias esperanças e angústias.

O Apanhador no Campo de Centeio", de J.D. Salinger, é um clássico da literatura americana que captura a turbulência da adolescência e a complexidade da busca por identidade. Narrado em primeira pessoa por Holden Caulfield, um jovem de 16 anos que foi expulso de sua escola preparatória, o romance explora temas de alienação, rebeldia e a transição para a idade adulta.

"O idiota de Fiódor Dostoiévski"



FAZER DOWNLOAD

O Idiota é uma das obras mais comoventes de Fiódor Dostoiévski. Abstrusa para os contemporâneos do escritor, mas atual e compreensível para quem a conhecer em nossos dias, ela conta a história de um jovem aristocrata russo que se atreve a defender o sublime ideal humanista numa sociedade regida pelas leis do livre comércio. Ovelha negra da alta-rodada de São Petersburgo, o príncipe Míchkin é tachado de idiota em virtude das suas qualidades morais e acaba perdendo de fato o juízo. Sua imagem de mártir e visionário, inspirada na do magnífico Dom Quixote de Cervantes, fica interiorizada pelo leitor; seu trágico fim leva-o a perguntar a si mesmo onde termina a loucura e começa a santidade do protagonista e, conseqüentemente, a repensar o próprio conceito daquilo que pode ser objeto de compra e venda no conturbado âmbito das relações humanas. Revisão técnica e notas da tradução por Oleg Almeida (escritor e tradutor bielorrusso).

HISTÓRIA

A Caneta do Comerciante, não a do Poeta: Desvendando a Origem Administrativa da Escrita

HISTÓRIA

- Leia o artigo completo no Site

POR

The Bard News, Redação

"A visão romântica de que a escrita nasceu para registrar mitos, poemas e grandes narrativas, e mostra que sua origem é profundamente prática e administrativa."

hoje se localiza o Iraque. Por volta do quarto milênio a.C., as comunidades agrícolas da região começaram a se organizar em cidades-estado complexas. Com o crescimento populacional, o desenvolvimento da agricultura irrigada e o surgimento de excedentes de produção, a vida social e econômica tornou-se cada vez mais intrincada. Templos e palácios, que funcionavam como centros de poder religioso, político e econômico, acumulavam vastas quantidades de bens, gerenciavam terras e supervisionavam o trabalho de centenas, senão milhares, de pessoas. Essa complexidade crescente exigia um sistema de registro que a memória humana, por mais prodigiosa que fosse, já não conseguia suportar de forma eficiente e confiável.



Foi nesse contexto de efervescência administrativa e econômica que a escrita emergiu. Os primeiros "escritores" não eram bardos, poetas ou filósofos em busca de immortalizar narrativas épicas, mas sim contadores, administradores e escribas. Suas ferramentas eram estiletes de junco e pequenas tábuas de argila úmida, e seu objetivo primordial era registrar transações, impostos, inventários de bens e alocações de recursos. As primeiras inscrições, datadas de cerca de 3400 a.C. em cidades sumérias como Uruk, eram predominantemente pictográficas, ou seja, representavam objetos por meio de desenhos simplificados. Um desenho de uma cabeça de boi significava "boi", um jarro significava "cerveja" ou "óleo", e assim por diante. Essas representações eram diretas e funcionais, projetadas para uma compreensão rápida e inequívoca no contexto comercial e administrativo.



Esses pictogramas eram frequentemente acompanhados por marcas numéricas, indicando quantidades específicas. Uma tábua de argila poderia, por exemplo, registrar "cinco ovelhas" ou "dez jarros de óleo" entregues a um templo ou a um indivíduo como pagamento ou contribuição. A preocupação central era a contabilidade, a organização de dados para fins de controle, planejamento e prestação de contas. Não havia enredo, personagens, desenvolvimento temático ou qualquer tentativa de expressar emoções ou ideias abstratas complexas; apenas a fria e objetiva catalogação de bens e serviços, essencial para a manutenção da ordem econômica e social.

Com o tempo, a necessidade de registrar informações mais complexas e abstratas, que iam além da simples representação de objetos,

levou a uma evolução significativa do sistema. Os pictogramas começaram a ser estilizados e a perder sua semelhança direta com os objetos que representavam. Eles foram girados em 90 graus e simplificados em uma série de marcas em forma de cunha, feitas pela pressão de um estilete de junco na argila macia. Esse sistema, conhecido como escrita cuneiforme (do latim *cuneus*, que significa "cunha"), tornou-se mais eficiente, abstrato e capaz de representar não apenas objetos, mas também sons e ideias abstratas. A transição de pictogramas para logogramas (símbolos que representam palavras) e, eventualmente, para um sistema silábico (símbolos que representam sílabas) foi um marco crucial na história da escrita. Essa evolução permitiu que a escrita se tornasse mais flexível e capaz de registrar a língua falada com maior precisão e nuance.



No entanto, mesmo com essa sofisticação crescente, o propósito principal da escrita cuneiforme permaneceu predominantemente administrativo por um longo período. Os textos mais antigos em cuneiforme continuavam a ser, em sua vasta maioria, listas de bens, contratos comerciais, recibos de pagamentos, códigos de leis (como o famoso Código de Hamurabi, que estabelecia regras para a sociedade e o comércio), registros de propriedades e inventários de templos e palácios. O Oriental Institute da Universidade de Chicago, por exemplo, possui vastas coleções de tábuas cuneiformes que ilustram essa realidade. Ao examinar esses

artefatos, os pesquisadores encontram uma janela para a vida cotidiana e burocrática da Mesopotâmia antiga: registros de salários pagos em cevada, listas de trabalhadores, inventários de templos e palácios, e até mesmo recibos detalhados de transações comerciais. Esses documentos, embora desprovidos de valor literário no sentido moderno, são inestimáveis para entender a estrutura econômica, social e legal da época.



A ideia de usar a escrita para expressar narrativas complexas, mitos, poemas, reflexões filosóficas ou correspondências pessoais surgiu muito mais tarde na evolução da escrita. A Epopeia de Gilgamesh, considerada uma das primeiras grandes obras literárias da humanidade, é um exemplo notável de como a escrita cuneiforme foi eventualmente adaptada para fins artísticos e narrativos. No entanto, ela representa um estágio avançado na evolução da escrita, não sua origem. A literatura, como a conhecemos, só pôde florescer e se desenvolver plenamente uma vez que o sistema de escrita se tornou suficientemente robusto, flexível e difundido para ser usado além das necessidades imediatas da administração e da contabilidade.

Essa distinção entre a função prática e a expressão artística da escrita é fundamental para compreender a verdadeira natureza da inovação humana. Ela nos lembra que as grandes invenções e avanços tecnológicos muitas vezes nascem da necessidade mais

mundana e urgente. A complexidade da vida em sociedade, a necessidade de gerenciar recursos de forma eficiente, de manter registros precisos e de estabelecer a ordem foram os catalisadores que levaram à invenção de um sistema que, eventualmente, nos permitiria registrar a própria alma humana, suas aspirações, medos e sonhos.



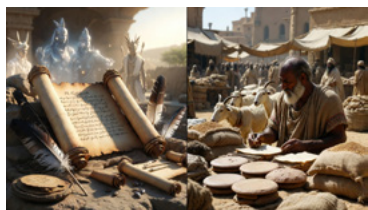
A escrita, portanto, é um testemunho da engenhosidade humana em resolver problemas práticos de grande escala. De simples marcas em argila para controlar o comércio e a burocracia, ela evoluiu para se tornar o veículo de nossa cultura, nossa história, nossa ciência e nossa imaginação. A jornada da escrita, de uma ferramenta puramente administrativa a um meio de expressão artística e filosófica, é uma das mais notáveis transformações na história da civilização, revelando que o controle e a organização foram os precursores indispensáveis da criação e da inspiração que hoje tanto valorizamos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/03/2026"



A escrita é, sem dúvida, uma das invenções mais monumentais da humanidade. Ela nos permite transcender as barreiras do tempo e do espaço, conectar gerações e construir um legado cultural inestimável. Ao contemplar a escrita, nossa imaginação é rapidamente cativada por obras-primas da literatura: a epopeia de Gilgamesh, os versos de Homero, as peças de Shakespeare. Tendemos a associar sua gênese a um impulso inato de narrar, de expressar a alma humana em sua plenitude, de registrar mitos e lendas que dão sentido à nossa existência. Contudo, essa visão romântica, embora bela e inspiradora, está longe da realidade histórica de como a escrita realmente surgiu. A verdade é que a escrita não nasceu para contar histórias de deuses e heróis, mas para contar ovelhas, sacas de grãos e jarros de azeite. Sua origem é profundamente prática, enraizada nas necessidades administrativas e econômicas das primeiras civilizações.



Para desvendar essa história, precisamos viajar no tempo até a antiga Mesopotâmia, a "terra entre rios" (Tigre e Eufrates), onde



IMAGEM GERADA POR IA "usando Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/03/2026"

HISTÓRIA

O Papel: A Invenção Silenciosa que Reconstruiu o Mundo do Conhecimento

HISTÓRIA

- Leia o artigo completo no Site



IMAGEM GERADA POR IA "usando Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/03/2026"

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

"Em um mundo dominado por telas e informações digitais, é fácil esquecer a revolução silenciosa que o papel representou."

Em nossa era digital, onde a informação flui em gigabytes e é armazenada em nuvens etéreas, o papel pode, à primeira vista, parecer um anacronismo, um resquício de um passado distante. Contudo, subestimar a importância desta invenção é ignorar um dos pilares mais fundamentais sobre os quais a civilização moderna foi erguida. Longe de ser uma mera superfície para a escrita, o papel representou uma revolução silenciosa, mas de uma profundidade imensa, que transformou radicalmente a forma como o conhecimento era registrado, armazenado e, crucialmente, transmitido. Sua criação na China antiga não apenas mudou o curso da história, mas também pavimentou o caminho para avanços sem precedentes na educação, na ciência, na arte e na governança, libertando o intelecto humano das limitações impostas por materiais de escrita anteriores.



Para verdadeiramente compreendermos a magnitude da invenção do papel, é essencial traçar sua linha do tempo e contextualizá-la dentro da história da comunicação humana. Antes do papel, as civilizações antigas utilizavam uma variedade de suportes para a escrita, cada um com suas próprias vantagens e desvantagens, mas todos com limitações significativas. Na Mesopotâmia, a escrita cuneiforme era gravada em tábuas de argila úmida, que, embora duráveis, eram pesadas, frágeis e extremamente difíceis de transportar ou armazenar em grandes volumes. No Egito, o papiro, feito de hastas da planta de papiro, era mais leve e flexível, mas seu custo era elevado, era suscetível à umidade e sua vida útil, em comparação com outros materiais, era limitada. Na Europa e no Oriente Médio, o pergaminho, feito de pele animal tratada, destacava-se pela durabilidade e alta qualidade, mas sua produção era um processo demorado e de custo proibitivo, tornando-o um luxo acessível apenas a elites, monarcas e instituições religiosas.



A história do papel, como o conhecemos e utilizamos hoje, começa, de fato, na China. Embora haja evidências de formas rudimentares de papel ou materiais semelhantes sendo empregados antes, a invenção formal e o aprimoramento decisivo do processo são tradicionalmente atribuídos a Cai Lun, um eunuco da corte imperial chinesa, por volta do ano 105 d.C. Cai Lun, servindo ao Imperador Ho-Ti da Dinastia Han, é amplamente creditado por refinar um método de fabricação de folhas de material a partir de fibras vegetais. Ele utilizou uma mistura engenhosa de cascas de amoreira, cânhamo, trapos de tecido e até mesmo redes de pesca velhas. Esses materiais eram macerados até se tornarem uma pasta, misturados com água, e a suspensão resultante era espalhada sobre uma peneira de bambu para secar, formando uma folha fina, flexível e surpreendentemente resistente. O resultado foi um material de escrita significativamente mais barato, leve e, crucialmente, fácil de produzir em massa do que o papiro ou o pergaminho.

A inovação de Cai Lun não se resumiu apenas à criação de um novo material; ela representou a democratização do registro do conhecimento. O papel permitiu que a vasta burocracia imperial chinesa se expandisse e operasse com uma eficiência sem precedentes, que os registros fossem mantidos de forma mais organizada e que a educação se tornasse mais acessível a camadas mais amplas da população. A China, já uma civilização notavelmente avançada em muitos aspectos, viu sua cultura florescer ainda mais com a proliferação de livros, documentos oficiais, obras de arte e até mesmo papel-moeda.

A partir da China, a tecnologia de fabricação de papel começou sua lenta, mas inexorável, jornada para o Ocidente. Por volta do século VII, a técnica chegou à Coreia e ao Japão, onde foi aprimorada e adaptada, resultando em papéis de alta qualidade, muitas vezes utilizados para arte e caligrafia refinadas. O ponto de virada decisivo para o mundo ocidental ocorreu no século VIII. Em 751 d.C., durante a Batalha de Talas, na Ásia Central, os árabes capturaram prisioneiros chineses que, entre suas habilidades, dominavam a arte da fabricação de papel. Esses prisioneiros revelaram os segredos da produção, e a tecnologia foi rapidamente adotada e aprimorada pelo mundo islâmico, que já possuía uma rica tradição de erudição e bibliotecas.

Os árabes estabeleceram moinhos de papel em cidades estratégicas como Samarcanda, Bagdá, Damasco e, posteriormente, no Egito e no Norte da África. Eles introduziram inovações importantes no processo, como o uso de moinhos de água para macerar as fibras, o que aumentou drasticamente a eficiência da produção e a qualidade do produto final. A partir do mundo islâmico, o papel finalmente

chegou à Europa através da Península Ibérica (a Espanha moura) nos séculos X e XI. O primeiro moinho de papel europeu é registrado em Xàtiva, na Espanha, por volta de 1056. A partir daí, a tecnologia se espalhou gradualmente pela Itália, França, Alemanha e o restante do continente, embora a adoção em larga escala levasse ainda alguns séculos.

O impacto global do papel na Europa foi inicialmente lento, mas ganhou um impulso extraordinário e transformador com a invenção da prensa de tipos móveis por Johannes Gutenberg em meados do século XV. Antes de Gutenberg, os livros eram copiados à mão por escribas, um processo laborioso, demorado e extremamente caro que limitava a circulação do conhecimento a um círculo muito restrito. A prensa de Gutenberg, combinada com a disponibilidade de papel barato e abundante, revolucionou a produção de livros. De repente, era possível imprimir milhares de cópias de um texto em um tempo relativamente curto e a um custo infinitamente menor.

Essa combinação poderosa de papel e prensa de impressão desencadeou o que hoje conhecemos como a Revolução da Imprensa, um evento que teve consequências profundas e duradouras em todas as esferas da sociedade:

- **Democratização do Conhecimento:** Livros e panfletos se tornaram acessíveis a um público muito mais amplo, não apenas à elite clerical ou aristocrática. Isso impulsionou a alfabetização e a educação em massa, alterando fundamentalmente a estrutura social e intelectual.
- **Reforma Religiosa:** A impressão da Bíblia em línguas vernáculas e a disseminação rápida de ideias reformistas em panfletos foram cruciais para o sucesso e a propagação da Reforma Protestante, desafiando a autoridade estabelecida.
- **Revolução Científica:** A capacidade de

imprimir e distribuir rapidamente descobertas científicas, teorias e observações permitiu que os cientistas construíssem sobre o trabalho uns dos outros de forma mais eficiente e colaborativa, acelerando o progresso científico de maneira exponencial.

- **Desenvolvimento da Burocracia Moderna:** Governos e impérios puderam gerenciar seus vastos territórios com maior eficácia, utilizando documentos impressos para leis, registros, censos e comunicações oficiais, consolidando o poder estatal.

- **Expansão da Arte e da Cultura:** A impressão de partituras musicais, gravuras, mapas detalhados e obras literárias enriqueceu a vida cultural e artística, tornando-a mais diversificada e acessível.

A Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, por exemplo, é um testemunho vivo e monumental do legado do papel. Suas vastas coleções de livros, manuscritos, jornais, mapas e partituras, muitos dos quais existem e foram preservados graças à durabilidade e acessibilidade do papel, representam o acúmulo de séculos de conhecimento humano. A capacidade de preservar esses registros físicos por tanto tempo é um reflexo direto da eficácia e da resiliência do papel como meio de armazenamento de informações.

Hoje, vivemos inegavelmente na era digital, e a comparação com o papel é constante e inevitável. A internet e os dispositivos eletrônicos oferecem uma capacidade de armazenamento e transmissão de informações sem precedentes, superando o papel em velocidade, volume e alcance. O conhecimento pode ser acessado instantaneamente de qualquer lugar do mundo, e a produção de conteúdo é mais democrática do que nunca. No entanto, a era digital também apresenta seus próprios desafios: a efemeridade dos dados digitais, a obsolescência tecnológica, a segurança da informação e a sobrecarga de

dados, que muitas vezes dificultam a filtragem e a assimilação.



Apesar do avanço digital, o papel não desapareceu, nem parece que o fará tão cedo. Ele continua a ser valorizado por sua tangibilidade, sua confiabilidade (não depende de energia, software ou hardware específico), e por certas qualidades estéticas e sensoriais que o digital não consegue replicar. Livros impressos, documentos importantes, obras de arte, fotografias e até mesmo notas rápidas ainda encontram no papel seu suporte ideal. A transição para o digital não é uma substituição completa, mas sim uma evolução na forma como interagimos com o conhecimento, onde ambos os meios coexistem e se complementam.

Em retrospectiva, a invenção do papel por Cai Lun e sua subsequente disseminação global representam um dos maiores saltos na história da comunicação humana. De um humilde material feito de fibras vegetais, o papel se tornou o veículo indispensável para a disseminação de ideias que moldaram civilizações, impulsionaram revoluções e conectaram mentes através dos séculos. Sua história é um lembrete poderoso de como uma inovação aparentemente simples pode ter um impacto monumental e duradouro, redefinindo o que é possível para o conhecimento humano e para a própria civilização.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/03/2026"

COMPORTAMENTO

O Retorno à Natureza: Benefícios Mentais do Verde em Rotinas Urbanas



Por Drika Gomes
COLUNISTA

MBA em Neurociência, filósofa, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

@drikagomes_psique

*A cidade nos ensina a acelerar.
A natureza nos ensina a permanecer.*

Entre prédios, prazos e telas luminosas, o cérebro aprende a viver em estado de prontidão. Sons abruptos, notificações e fluxos constantes de informação exigem vigilância contínua, e vigilância prolongada se transforma em desgaste neurofisiológico.

Mas há algo curioso: bastam alguns minutos diante do verde para que o corpo mude de ritmo.

*Não é romantização.
É neurobiologia.*

Estudos conduzidos por Gregory Bratman, da Universidade de Stanford, demonstraram que caminhadas em ambientes naturais reduzem

significativamente a ruminação mental, aquele padrão repetitivo de pensamentos associado à ansiedade e depressão. Além disso, pesquisas em neuroimagem indicam diminuição da atividade em áreas ligadas ao estresse quando indivíduos são expostos a cenários naturais.

O cérebro humano não foi moldado pelo concreto. Foi moldado por paisagens abertas

O verde como sinal de segurança

Ambientes urbanos mantêm o sistema nervoso simpático ativado: ruído imprevisível, trânsito, excesso de estímulos visuais.

Já o verde, mesmo em pequenas doses, promove redução do cortisol e melhora da variabilidade da frequência cardíaca, indicadores fisiológicos de regulação autonômica.

Pesquisas sobre atenção restaurativa, desenvolvidas por Rachel e Stephen Kaplan, sugerem que ambientes naturais promovem o que chamaram de soft fascination, uma forma de atenção suave que permite ao cérebro recuperar sua capacidade de foco sem esforço cognitivo excessivo.

A natureza não exige resposta imediata. Ela oferece espaço.

A cidade fragmenta. A natureza integra.

Ambientes urbanos fragmentam a percepção: sinais, placas, anúncios, sons competitivos.

A natureza, por outro lado, apresenta padrões fractais, formas geométricas orgânicas que se repetem em diferentes escalas. Estudos sugerem que o cérebro responde positivamente a esses padrões por reconhecer coerência estrutural na paisagem.

Coerência reduz carga cognitiva

Redução de carga cognitiva facilita autorregulação.

Talvez o verde funcione como um afinador interno, não porque haja algo místico na cor, mas porque há memória no corpo.

*Memória de cidos.
Memória de silêncio.
Memória de pertencimento.*

E foi nesse ponto da reflexão que deixei

de pensar como pesquisadora, e voltei a sentir como corpo.

No início deste ano, passei alguns dias em um sítio.

Cavalos, galinhas, cabras, vacas.
Distante do ruído urbano.
Próxima do som da natureza.

Ali compreendi, na experiência direta, aquilo que tantos estudos descrevem em gráficos e dados.

Os sons naturais não competem com o sistema nervoso.

*Eles o organizam.
O canto dos pássaros ao amanhecer.
A chuva caindo na terra.
O cantar dos galos na madrugada.
O relincho dos cavalos ecoando no vale.*

Em três dias, descansei como se tivesse passado trinta.

Não foi apenas descanso físico.

Foi recalibração interna.

Cavalgando, senti o ritmo calmo e gentil dos cavalos sincronizando com minha respiração.

O cheiro de mato, a brisa suave com aroma de terra úmida, tudo vibrava em mim como se eu estivesse imersa em uma frequência orgânica, viva.

Era como se o ambiente inteiro pulsasse em 432 Hz natural.

*Senti paz.
Serenidade.
Clareza.*

Perguntas que me angustiavam perderam peso. Algumas respostas surgiram sem esforço, como se a mente tivesse finalmente encontrado espaço para ouvir.

Em determinado momento, parei diante de um rio de águas calmas.

Fiquei ali, apenas observando.

E era como se o silêncio do rio conversasse, sussurrando com o meu nervo vago.

*Calmaria.
Paz.*

Naquele instante, compreendi algo simples: a natureza não apenas regula o sistema nervoso.

Ela nos devolve à nossa própria natureza.

Micro-retornos como estratégia mental

Não é necessário abandonar a cidade para experimentar os efeitos do verde.

Pesquisas mostram que até mesmo a visualização de paisagens naturais em imagens pode reduzir marcadores fisiológicos de estresse. Plantas em ambientes internos, janelas com vista para árvores e pausas ao ar livre já produzem efeitos mensuráveis.

Em um mundo que exige desempenho contínuo, o contato com a natureza funciona como recalibração neural.

*Desacelerar não é perder produtividade.
É recuperar equilíbrio.*

Talvez o retorno à natureza não seja nostalgia.

Talvez seja memória biológica.

O cérebro ainda reconhece o que o acalma.

E, muitas vezes, esse reconhecimento começa com o verde.



IMAGEM GERADADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/03/2026"

Cyberbullying: o perigo silencioso que afeta a saúde emocional dos adolescentes



Por Claudia Faggi
COLUNISTA

Jornalista Diplomada, Roteirista, Apresentadora de Televisão, Apaixonada pela sétima arte, Empreendedora digital do canal tudo_sobre cinema, Mulher e Mãe em construção.

@tudo_sobrecinema

Quando a tela machuca, um risco real no ambiente digital

"O mundo mudou." Nós escutamos isso todos os dias. O que nós chamamos de mudança gera consequências positivas e negativas em cada um de nós. Cada pessoa, independente da idade precisa se relacionar com o universo digital diariamente. Temos de nos atualizar, caso contrário ficamos para trás.

E com os nossos filhos adolescentes? Como funciona essas questões para quem já nasceu conectado? O que acontece quando é preciso se deparar com a opinião negativa, a brincadeira desnecessária e a violência digital? Como se defender de quem só criou coragem para falar atrás de uma tela?

O que antes terminava no portão da escola agora atravessa a madrugada dentro do quarto.

O cyberbullying, forma de violência praticada por meio de celulares, redes sociais, jogos online e aplicativos de mensagem, tornou-se um dos maiores desafios da adolescência. Os sinais são silenciosos. A provocação é constante e muitas vezes invisível aos adultos. O cyberbullying deixa marcas profundas emocionais.

O bullying tradicional acontece em espaços e horários específicos, o ataque virtual não tem pausa. A exposição é contínua. A humilhação pode ser compartilhada, curtida, comentada e replicada em segundos, ampliando o constrangimento e a sensação de impotência de quem é alvo.

A violência que não se vê, mas se sente. E o pior, muitas vezes o sofrimento é silencioso e camuflado por um adolescente que não quer contrariar "os amigos."

Especialistas alertam que o cérebro adolescente ainda está em desenvolvimento,

especialmente nas áreas ligadas à autoestima, pertencimento social e regulação emocional. Por isso, comentários ofensivos, exclusões em grupos, montagem de imagens, boatos e mensagens agressivas têm impacto muito maior do que muitos imaginam e acreditam... a dor é grande e ecoa por toda família. Não é frescura e não é normal.

Do outro lado da tela, os abusadores são protegidos pelo anonimato ou pela sensação de "brincadeira", agressores não percebem a dimensão do dano causado.

Para quem sofre, a situação é real, a dor profunda e os efeitos são claros. O importante é observar atentamente aos sinais:

- A queda no rendimento escolar, o isolamento social, a ansiedade e medo de se expor.
- Entre os alertas também existe a alteração no sono e no humor, Perda de autoconfiança e

sensação de vergonha constante.

• O adolescente passa a viver em estado de alerta, como se estivesse sempre sendo observado ou julgado.

O quarto deixou de ser refúgio

Se antes a casa era um lugar de proteção, hoje muitos jovens levam o problema no bolso. O celular, ferramenta de conexão e aprendizado, transforma-se também em canal de agressão. A violência acompanha notificações, vibra no silêncio da noite e invade momentos que deveriam ser de descanso.

Essa invasão contínua dificulta que o adolescente "desligue" emocionalmente da situação. A dor não encontra intervalo para cicatrizar.

Por que muitos pais não percebem?

O cyberbullying é discreto. Não deixa hematomas, não gera bilhetes da escola, não acontece na frente dos adultos. Além disso, adolescentes frequentemente evitam contar o que estão vivendo por medo de piorar a situação ou simplesmente perder o acesso ao celular.

O silêncio vira um mecanismo de defesa e é justamente nele que mora o perigo.

Educação digital é proteção, não controle.

Combater o cyberbullying não significa vigiar excessivamente, mas construir diálogo e confiança. Jovens precisam aprender que o mundo digital não é "terra sem lei" e que atitudes online têm consequências emocionais reais.

Tenho uma amiga pediatra. Um dia ela deixou o filho na minha casa para ir à um congresso sobre acidente infantil. Quando ela

veio buscar o filho eu perguntei qual era o maior acidente ligado à infância. A resposta foi clara. O pior acidente é aquele que desestabiliza a criança emocionalmente. Nunca esqueci disso!

Incentivar conversas abertas sobre o uso da internet é essencial para ensinar empatia e responsabilidade digital.

Orientar sobre como denunciar e bloquear agressões e observar mudanças de comportamento é muito importante.

Também temos de reforçar que pedir ajuda não é fraqueza.

Mais do que limitar telas, é necessário educar para o uso consciente delas... e isso não é fácil, não é cômodo.

Esse é um problema coletivo que exige atenção coletiva.

O cyberbullying não é apenas uma questão tecnológica é uma questão humana. Ele reflete relações, valores e a forma como uma geração está aprendendo a se comunicar.

Transformar esse cenário passa por escuta ativa, presença real e exemplos cotidianos de respeito. Porque, por trás de cada perfil, existe um adolescente em formação.

E nenhuma tela deveria ter o poder de ferir aquilo que ainda está aprendendo a se construir: a identidade, a autoestima e o sentido de pertencimento.

Vamos cuidar dos nossos filhos e prestar atenção nos nossos adolescentes.

Essa é a nossa responsabilidade.



IMAGEM GERADADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/03/2026"

COMPORTAMENTO

Sentir de menos em tempos de demais: quanto vale a sua atenção?



Por Alexandre Câmara
COLUNISTA

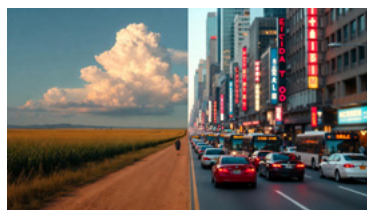
Alexandre Câmara é doutorando em Ciência da Informação pela UFPB, onde pesquisa cultura visual e xilogravura popular nordestina na perspectiva da Representação da Informação. Mestre em Comunicação Social e bacharel em Design, escreve a partir das relações entre arte, imagem, memória, linguagem e cultura popular.

@camara1004

COMPORTAMENTO

- Leia o artigo completo no Site

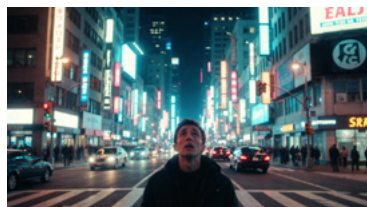
Muitas vezes, os versos dizem mais do que aparentam. No trecho de Grande Interior, Bráulio Bessa nos fala de uma experiência que, embora marcada pela realidade nordestina, também é universal: o impacto entre o ritmo humano da vida interiorana e a velocidade perturbadora da cidade grande. O sertão, nesse caso, não é apenas um lugar geográfico. É também uma forma de apreensão do mundo, com seus sentimentos e percepções.



Com a industrialização, principalmente nos grandes centros urbanos, a “modernização” do modo de viver passou a impor às pessoas um ritmo cada vez mais rápido, fragmentado e rígido. A cidade impôs uma transformação profunda nas relações sociais, reorganizou o trabalho, alterou a percepção sobre a passagem do tempo e fez da dinâmica do cotidiano uma regra silenciosa que dita a vida, o ser e o estar no mundo. Aos poucos, instituiu-se uma ruptura entre o compasso uniforme do campo e a agitação nervosa das metrópoles, onde tudo parece urgente, mensurável e substituível.

O sociólogo alemão Georg Simmel, no início do século XX, escreveu A metrópole e a vida mental, um texto que continua surpreendentemente atual. Em vez de falar apenas de grandes estruturas, ele se pergunta algo simples e poderoso: o que a cidade faz com a cabeça e com o coração de quem vive nela?

É nesse ponto que Simmel mostra que a vida urbana submete as pessoas a um bombardeio quase ininterrupto de estímulos: luzes, sons, cobranças, deslocamentos, encontros rápidos, prazos, ruídos, competição.



Simmel observa que a mente humana, em condições mais estáveis, organiza e interpreta o mundo de maneira relativamente uniforme. Na metrópole, porém, essa mesma mente passa a operar em regime de defesa. A metrópole cobra um preço pela constante adaptação às suas exigências.

Ao comparar esse cenário caótico com a vida no campo, Simmel observa que, na zona rural,

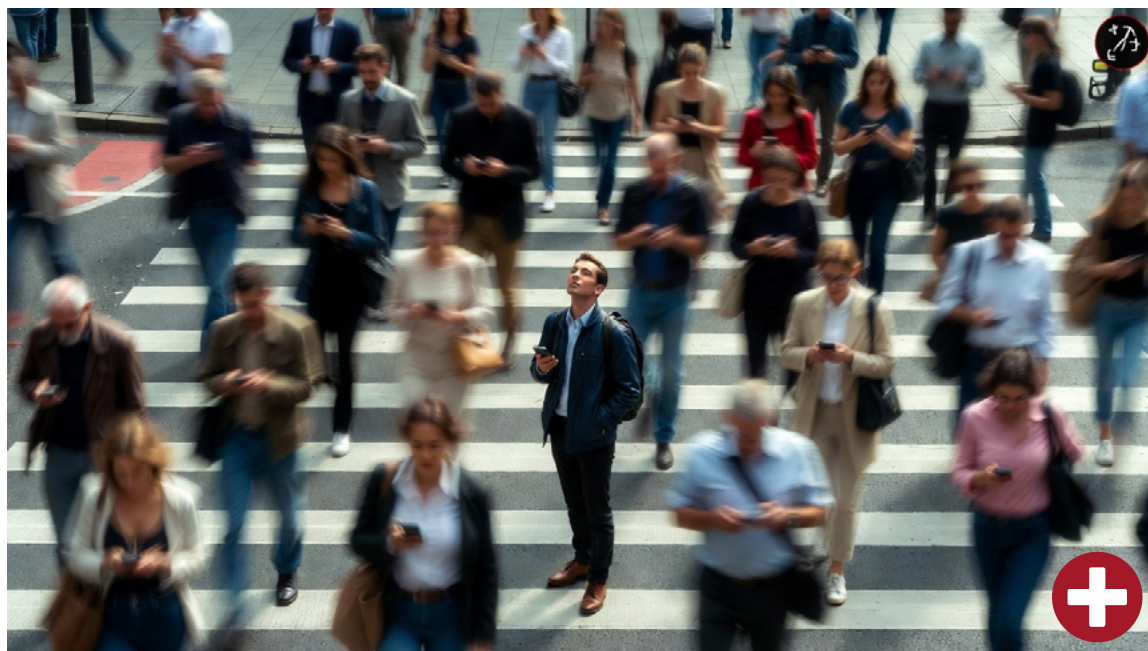


IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok”, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/03/2026”

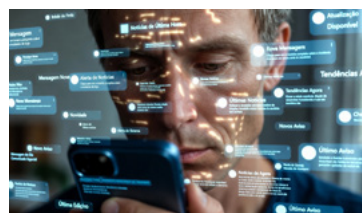
o ritmo é mais lento e os estímulos chegam de forma menos brusca. Por isso, as relações humanas tendem a criar raízes mais profundas. No contexto rural, há mais espaço para a repetição dos encontros, para o reconhecimento mútuo, para o desenvolvimento da memória afetiva e para o adensamento dos vínculos emocionais. É como se, naquele lugar, o coração pudesse conduzir melhor a experiência de viver.

Inversamente, na cidade, a inteligência prática e o pensamento objetivo tornam-se mecanismos de autopreservação. Para não sucumbir ao excesso, o indivíduo aprende a filtrar, racionalizar, classificar e reagir com frieza e objetividade quase levadas ao extremo. A cabeça assume o lugar do coração não porque o homem urbano tenha natureza insensível, mas porque o ambiente o condiciona a vestir a objetividade como forma de defesa. Não se trata da ausência de emoção, mas de uma emoção continuamente contida para garantir sua sobrevivência psíquica.

Essa mesma lógica perpassa as relações econômicas. Com lucidez, Simmel percebe o modo como a modernidade capitalista tende a reduzir a individualidade humana à lógica da equivalência: tudo possui valor de troca. A pergunta que organiza o mundo deixa de ser “quem?” ou “por quê?” e passa a ser “quanto?”. Nesse cenário, a experiência humana corre o risco de ser convertida em cálculo, utilidade e interesse. As trocas tornam-se gradativamente impessoais, rápidas e frias, tomando o lugar da proximidade, da confiança e da margem para o imprevisto. É a tirania da medida.

É nesse ambiente que aparece o que Simmel chama de atitude blasé: uma espécie de anestesia

emocional provocada pelo excesso. Vemos tanta coisa, recebemos tanta informação e somos chamados a reagir o tempo todo, de modo que, no fim, quase nada nos toca de verdade. Quando tudo exige reação, nada parece merecer reação plena.



Essa postura expõe outro fenômeno inquietante: a reserva. Viver em meio a uma grande quantidade de pessoas não significa, necessariamente, viver em comunidade. Ao contrário, o excesso de contato pode produzir distância. A autopreservação, a desconfiança, a indiferença e até certo grau de aversão silenciosa tornam-se recursos defensivos. Desse modo, o homem urbano aprende a conviver com uma contradição própria da modernidade: sentir-se só em meio à multidão.

Mais de um século depois, o diagnóstico traçado por Simmel não perdeu a força, e talvez até tenha se agravado. A metrópole, suas ruas, suas vitrines, seus bondes e multidões continuam existindo e se expandiram para uma dimensão invisível e permanente nas telas. O excesso de estímulos continua mesmo quando voltamos para as nossas casas. Ele nos acompanha em bolsas e bolsos, vibra sobre

as mesas, acende telas de madrugada e exige resposta imediata. Disputa nossa atenção e transforma nossa presença em desempenho e nossa convivência em métrica. O “quanto?” continua a organizar a experiência de viver, agora sob novas roupagens: quantas curtidas, quantos seguidores, quantas visualizações, quanto alcance, quanto engajamento, quanta produtividade...

Nesse novo cenário, a atitude blasé não é mais apenas uma reação à cidade física. Passa a aparecer como sintoma da saturação informacional e afetiva que caracteriza o nosso tempo. Vemos demais, ouvimos demais, reagimos demais e, por isso mesmo, muitas vezes sentimos de menos. A economia do dinheiro, descrita por Simmel, parece ter se expandido para uma “economia da atenção”. Nela, não só o trabalho, mas também o afeto, a imagem e até a nossa subjetividade entram no jogo da circulação, da comparação e da medição.

Lido ao lado de Simmel, Grande Interior, de Bráulio Bessa, ganha ainda mais força ao contrapor, por meio de uma ironia poética, uma cidade idealizada em que a confiança, a presença física, o afeto verdadeiro e o reconhecimento se impõem como contraponto ao empobrecimento sensível da vida urbana. No fim das contas, a questão não é a escolha entre o campo ou a cidade, a tradição ou a modernidade, o interior ou a metrópole. É permanecer humano. Se Simmel nos ajuda a compreender a cidade grande, Bráulio nos convida a tornar o nosso interior grande. E, em meio a tanta pressa, talvez a pergunta mais difícil seja a mais simples: você ainda consegue escutar o que sente?



Você já se sentiu cercado de gente e, ainda assim, estranhamente sozinho? Na cidade grande, a multidão nem sempre significa encontro: muitas vezes, ela intensifica a pressa, a desconfiança e a sensação de vazio e abandono. Mas se a vida urbana pudesse ser diferente? Em Grande Interior, Bráulio Bessa parte justamente desse estranhamento de quem sai do sertão e chega à capital para imaginar a utopia de uma cidade em que a convivência, a confiança e a presença ainda fossem possíveis. Ele escreve:

“Eu saí lá do sertão e cheguei na capital desconfiado, nervoso, suando e passando mal com medo da violência e com minha inocência enfrentei esse dilema decidindo caminhar em busca de encontrar a solução do problema...”

(Trecho da obra Grande Interior, de Bráulio Bessa)

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

ACESSE AQUI



SAÚDE & BEM-ESTAR

NR-1 e Saúde Mental: O Fim da Voluntariedade nas Empresas



Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Jornalista, Comendadora e Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras da Humanidade, Professora de Português e Literatura, Palestrante Internacional e Pesquisadora em Educação e Tecnologias Educacionais e MBA em Saúde Mental no Trabalho
@prof.alineabreu

SAÚDE & BEM-ESTAR

- Leia o artigo completo no Site

Após sucessivos adiamentos do início das inspeções, o governo definiu o dia 26 de maio de 2026 como marco definitivo para a fiscalização com base na nova redação da NR-1. Desde maio de 2025, entretanto, a norma já se encontra em fase de caráter educativo, período no qual os auditores têm orientado empresas quanto às adequações necessárias.



A regra, que estabelece as diretrizes gerais de saúde e segurança no trabalho, passou a determinar de forma expressa que riscos psicossociais, como estresse ocupacional, assédio moral, burnout e violência organizacional, integrem o Gerenciamento de Riscos Ocupacionais (GRO) e o Programa de Gerenciamento de Riscos (PGR).

A nova redação da Norma Regulamentadora nº 1 (NR-1) produziu uma inflexão relevante na forma como o Estado brasileiro passa a enquadrar a saúde mental no ambiente de trabalho. O que por anos foi tratado como iniciativa voluntária de gestão de pessoas converteu-se em obrigação técnica sujeita à fiscalização. A inclusão expressa dos riscos psicossociais no PGR desloca o tema do campo discursivo para o campo jurídico-administrativo.

Não se trata de inovação retórica. A fiscalização já direciona atenção específica a organizações com índices elevados de afastamentos por transtornos mentais e comportamentais. A mensagem é inequívoca: o adoecimento deixou de ser interpretado apenas como evento individual para ser analisado também como possível resultado de falhas estruturais na organização do trabalho.

Isso muda tudo.

Durante anos, saúde mental no trabalho foi tratada como pauta paralela, frequentemente reduzida a campanhas internas ou ações simbólicas em datas específicas. A nova NR-1 encerra esse ciclo. O tema deixa de ser voluntário e passa a ser exigência técnica sujeita à inspeção e autuação.

O que muitos ainda não compreenderam é que a norma não está preocupada apenas com o afastamento por adoecimento. O afastamento é o resultado. O foco agora são as causas. Sobrecarga quantitativa, metas incompatíveis com os recursos disponíveis, jornadas extensas sem adequada recuperação fisiológica, ambiguidade de papéis, ausência de autonomia decisória, comunicação verticalizada e práticas de gestão baseadas em pressão contínua são elementos identificáveis, passíveis de análise técnica e de registro documental.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/03/2026"

Não se trata de promover palestras motivacionais ou distribuir cartilhas sobre bem-estar. O GRO é o processo de gestão que exige identificação, avaliação e controle dos riscos ocupacionais. O PGR é o documento que comprova que esse processo existe e funciona. Se os riscos psicossociais estão presentes, e em praticamente toda organização eles estão, precisam estar descritos, avaliados e acompanhados.

Persistir na leitura de que o problema se resume ao número de licenças médicas constitui erro estratégico. Como dito, o afastamento é o desfecho. A norma incide sobre os determinantes. A NR-1 impõe o método. Mapear riscos psicossociais requer diagnóstico estruturado, definição de critérios, coleta sistemática de dados, análise do contexto organizacional e estabelecimento de plano de ação com cronograma e indicadores de acompanhamento. Sem esses elementos, a empresa não dispõe de evidência capaz de demonstrar diligência preventiva.

O ponto mais sensível reside na inversão da lógica tradicional de fiscalização. Antes, a intervenção estatal ocorria, em regra, após denúncia ou ocorrência grave. Com a centralidade conferida aos dados de afastamento, a inspeção passa a operar com base em indícios

estatísticos. Organizações que concentram licenças por transtornos mentais ingressam no campo de observação prioritária. A discussão deixa de ser hipotética.

Do ponto de vista jurídico, o cenário também se altera. A ausência de avaliação formal dos riscos psicossociais pode ser interpretada como descumprimento de dever legal de prevenção. Em eventual litígio trabalhista ou ação regressiva, a inexistência de registros técnicos, atas de análise ou planos de mitigação fragiliza a defesa institucional. A gestão documental passa a integrar a estratégia de conformidade.

Entretanto, reduzir a questão ao temor de sanções administrativas seria leitura limitada. A experiência prática demonstra que empresas que estruturaram processos consistentes de avaliação e intervenção tendem a reduzir a rotatividade, conflitos interpessoais e falhas de comunicação operacional. A clareza na definição de responsabilidades, a revisão de metas incompatíveis com a capacidade produtiva e a criação de canais institucionais de escuta produzem efeitos mensuráveis na estabilidade das equipes.

Há, portanto, um deslocamento conceitual em curso. Saúde mental no trabalho não se confunde com assistência clínica posterior

ao adoecimento. Trata-se de governança organizacional. Implica examinar como o trabalho é distribuído, como as decisões são tomadas e como o desempenho é cobrado. Implica reconhecer que determinados modelos de gestão produzem desgaste psíquico previsível.

A norma já está em vigor. A fiscalização já opera com esse parâmetro. A pergunta que se impõe às organizações não é se o tema será enfrentado, mas se estão preparadas para demonstrar, mediante documentação técnica e medidas implementadas, que os riscos psicossociais foram identificados, avaliados e tratados segundo critérios objetivos.

Ignorar essa mudança regulatória não elimina o problema. Apenas posterga seus efeitos, humanos, jurídicos e econômicos. A fiscalização que se inicia em 2026 tende a operar com base em dados concretos. Empresas com índices elevados de afastamento por transtornos mentais entram no radar com maior probabilidade. E, diante de uma inspeção, a pergunta será objetiva: onde está o diagnóstico? Onde estão as evidências de análise? Quais medidas foram adotadas?

Boa intenção não substitui documentação.

Há ainda um ponto que merece atenção. Ao exigir a inclusão formal dos riscos psicossociais no PGR, o Estado estabelece um marco interpretativo: determinados modelos de gestão podem produzir dano previsível. Se o dano é previsível e não houve prevenção documentada, a responsabilidade deixa de ser discutida apenas no plano ético e passa ao campo jurídico.

Assim, a nova NR-1 não pergunta se a empresa se preocupa com saúde mental. Ela exige que a empresa prove, por meio de método e registro, que analisa e intervém nas condições que podem gerar adoecimento.

A fiscalização começa em maio de 2026. A preparação deveria ter começado ontem.

Participe do Edital da Revista The Bard

38ª
EDIÇÃO

Revista
The Bard
Poesia, arte e música

QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:
O esvaziamento da palavra no século
de hiperconexão

22 categorias com temas livres

Clique aqui

Edital Julho e Agosto aberto até dia 16/05/2026.

OPINIÃO

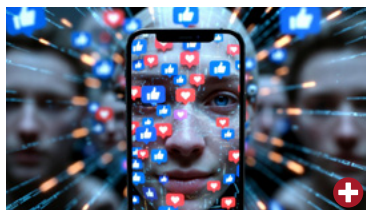
A Intimidade em Praça Pública: Quando o Desabafo Vira Espetáculo e a Terapia se Dilui em Conteúdo



Por J.B Wolf
EDITOR-CHEFE

Poeta e Escritor
@poetajbwolf

“
Em uma era onde a vulnerabilidade se tornou moeda de troca nas redes sociais, assistimos a uma transformação radical: o desabafo, antes um ato de confiança íntima, agora é performado para uma audiência global”



A fronteira entre o que é privado e o que é público nunca foi tão porosa quanto na atualidade. Houve um tempo, não muito distante, em que o desabafo, a confissão e a exposição de vulnerabilidades eram atos reservados a espaços de extrema confiança: o silêncio do confessor, a confidencialidade do consultório terapêutico ou o círculo íntimo e seguro de amigos e familiares. Hoje, no entanto, assistimos a uma transformação radical, quase vertiginosa: a intimidade, antes um santuário pessoal, tornou-se uma mercadoria de alto valor no mercado da atenção digital. O fenômeno de transformar dores, traumas e crises existenciais em publicações, transmissões ao vivo e vídeos curtos levanta uma questão central e inquietante sobre a nossa época: estaríamos vivendo uma genuína democratização da saúde mental, ou apenas a espetacularização do sofrimento humano em busca de engajamento e validação efêmera?



Para compreender por que tantas pessoas optam por expor suas feridas mais profundas em redes sociais, é preciso mergulhar na complexa psicologia por trás de cada clique, cada postagem. O ser humano possui uma necessidade intrínseca e ancestral de ser visto, compreendido e validado. No ambiente digital, essa validação é quantificada de forma palpável: curtidas, comentários, compartilhamentos e o número crescente de seguidores. Quando alguém compartilha uma vulnerabilidade e recebe uma onda de apoio virtual, o cérebro experimenta uma descarga de dopamina, um neurotransmissor associado ao prazer e à recompensa, que traz um alívio temporário para a solidão e a angústia. O problema reside no fato de que essa conexão, por mais imediata que pareça, é, muitas vezes, superficial e efêmera. O desabafo público cria a ilusão de uma comunidade terapêutica, de um espaço de acolhimento, mas as plataformas são, em sua

essência, desenhadas para o consumo rápido de conteúdo, não para o acolhimento profundo e a construção de laços significativos que a verdadeira terapia exige.

Além disso, vivemos em uma era de performance da autenticidade. Existe uma pressão invisível, mas poderosa, para que sejamos "reais", para que mostremos nossa "verdadeira face". Contudo, essa realidade precisa ser cuidadosamente curada, esteticamente aceitável ou narrativamente interessante para o algoritmo e para a audiência. O desabafo, nesse contexto, deixa de ser um processo orgânico de cura para se tornar um roteiro. As pessoas selecionam meticulosamente quais partes de sua dor serão mostradas, quais palavras evocarão mais empatia, qual filtro visual será aplicado e qual trilha sonora acompanhará o relato de uma crise de ansiedade ou de um momento de depressão. Nesse processo, a vulnerabilidade, que em sua essência deveria ser um estado de abertura genuína e risco emocional, acaba sendo domesticada, lapidada e, por vezes, distorcida para servir ao entretenimento e ao engajamento. A terapia, que é um processo muitas vezes feio, demorado, silencioso e repleto de altos e baixos, é convertida em um conteúdo de sessenta segundos com legendas dinâmicas, perdendo sua profundidade e seu propósito original.

Essa mudança de comportamento também reflete uma alteração profunda na forma como lidamos com o sofrimento e a adversidade. Em contextos institucionais e militares, por exemplo, a discrição, a resiliência e o estoicismo são valores fundamentais, muitas vezes essenciais para a coesão e a eficácia. A exposição pública de fraquezas pode ser vista como uma quebra de protocolo, uma vulnerabilidade estratégica ou até mesmo uma falta de profissionalismo. No entanto, a cultura digital caminha na direção oposta, pregando que o silêncio é sinônimo de repressão, que toda dor precisa ser vocalizada e exposta para ser validada. O perigo reside no desequilíbrio: ao transformar todo sofrimento em postagem, corremos o risco de perder a capacidade de processar a dor internamente, de encontrar recursos em nosso próprio eu ou em ambientes verdadeiramente seguros e confidenciais, tornando-nos excessivamente dependentes da aprovação e da atenção de estranhos para dar sentido ao que sentimos.

As redes sociais não são espaços neutros; são, na verdade, mercados de atenção regidos por algoritmos complexos que priorizam conteúdos de alta carga emocional. O sofrimento humano, por ser universal e gerar identificação imediata, é um dos combustíveis mais potentes para o engajamento. Quando um influenciador digital compartilha um momento de choro, um diagnóstico de saúde mental ou um relato de superação de trauma, os números de visualizações, curtidas e comentários costumam disparar. Isso cria um incentivo perverso e muitas vezes inconsciente: a vulnerabilidade torna-se uma moeda de troca. Se o trauma gera lucro, visibilidade e novos seguidores, a linha entre o desabafo genuíno, nascido da necessidade de expressão, e a estratégia de marketing pessoal, torna-se quase invisível, turva e perigosa.

Esse cenário deu origem ao que muitos chamam de terapia-espetáculo. Profissionais de saúde mental e, mais frequentemente, leigos, utilizam um vocabulário clínico para descrever situações cotidianas, popularizando termos como "gaslighting", "narcisismo", "gatilho", "responsabilidade afetiva" e "trauma". Embora a disseminação de informações sobre saúde mental seja, em princípio, positiva e necessária, a sua simplificação excessiva para caber em vídeos curtos ou posts rápidos pode ser perigosa. O público passa a se autodiagnosticar e a rotular os outros com base em pílulas de conteúdo que carecem de profundidade, contexto e, crucialmente, da complexidade inerente à psique humana. A riqueza e a nuance da experiência humana são reduzidas a listas de "cinco sinais de que você tem trauma infantil" ou "dez frases que um narcisista diz", transformando o autoconhecimento em um produto de consumo rápido e superficial.

Outro ponto crítico é o fenômeno do "trauma dumping", que ocorre quando alguém despeja informações traumáticas, pesadas e não processadas sobre uma audiência que não pediu por aquilo e, mais importante, não tem as ferramentas emocionais ou profissionais para lidar com o peso do relato. Diferente de uma sessão de terapia, onde há um contrato ético, um ambiente seguro e um profissional treinado para acolher e processar a dor, no desabafo



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/03/2026"

público não há filtros, nem salvaguardas. O espectador, muitas vezes também fragilizado por suas próprias lutas, pode ser impactado negativamente pelo conteúdo alheio, criando uma rede de angústia compartilhada que não leva necessariamente à resolução do problema, mas sim à sua perpetuação ou amplificação. A exposição constante e indiscriminada ao sofrimento dos outros pode gerar uma "fadiga de empatia", onde deixamos de nos importar genuinamente porque a dor tornou-se apenas mais um item no feed, logo abaixo de uma receita de bolo ou de um vídeo de dança.

O impacto de longo prazo dessa cultura de exposição ainda é incerto e está em constante evolução, mas já podemos observar algumas cicatrizes e consequências preocupantes. A distinção entre o eu privado e o eu público está desaparecendo a uma velocidade alarmante. Quando transformamos nossas crises mais íntimas em conteúdo, estamos, de certa forma, fixando nossa identidade em um momento de dor que, em condições normais, seria transitório e passível de superação. Um vídeo gravado em um momento de desespero ou vulnerabilidade extrema permanece na rede para sempre, podendo ser resgatado em contextos completamente diferentes e afetar a vida profissional e pessoal do indivíduo anos depois. Para quem trabalha em ambientes de alta responsabilidade e hierarquia, como o Ministério

da Defesa ou outras instituições que exigem uma imagem de estabilidade, discrição e confiança, essa "pegada digital" pode ter repercussões sérias e duradouras sobre a percepção de sua capacidade de exercer a função.



A longo prazo, corremos o risco de perder a capacidade de estar a sós com nossos sentimentos, de processar a dor em silêncio e de encontrar resiliência interna. Se toda dor precisa ser postada para ser validada, o que acontece quando não temos sinal de internet, ou quando a validação externa não chega? A solidão produtiva, aquela que permite a reflexão profunda, o autoconhecimento e o amadurecimento, é substituída por uma busca incessante por testemunhas e por uma validação externa que, muitas vezes, é vazia. A intimidade, que deveria ser o nosso santuário, o nosso refúgio mais seguro, torna-se um palco. Precisamos resgatar a ideia de que nem tudo o que sentimos precisa ser compartilhado e que o valor intrínseco

de uma experiência, seja ela de dor ou de alegria, não depende da quantidade de pessoas que a testemunharam ou aplaudiram.

O caminho para uma relação mais saudável e consciente com o mundo digital passa, inevitavelmente, pelo estabelecimento de limites claros e pela redescoberta do valor do silêncio e da privacidade. É perfeitamente possível usar as redes sociais para inspirar, conectar e até mesmo buscar apoio, mas é fundamental preservar espaços de silêncio, de reflexão interna e de intimidade genuína. A verdadeira terapia, aquela que promove a cura e o crescimento, acontece no anonimato do consultório, no esforço corajoso de olhar para si mesmo sem filtros, sem a preocupação com o que os seguidores vão pensar ou com a performance da autenticidade. A vulnerabilidade é, sim, uma força poderosa, mas apenas quando é compartilhada com quem tem o direito, a capacidade e a responsabilidade de segurá-la com cuidado e respeito. Em um mundo que nos empurra para a transparência absoluta e a exposição constante, o maior ato de resistência e de autocuidado pode ser, justamente, manter uma parte de nós protegida do olhar público, reservada para o verdadeiro processo de cura e autoconhecimento.

VITRINE THE BARD



[Clique aqui para anunciar](#)



[Clique aqui para Anunciar](#)



[Clique aqui para acessar](#)



[Clique aqui para Anunciar](#)



[Clique aqui para acessar](#)



[Clique aqui para Anunciar](#)



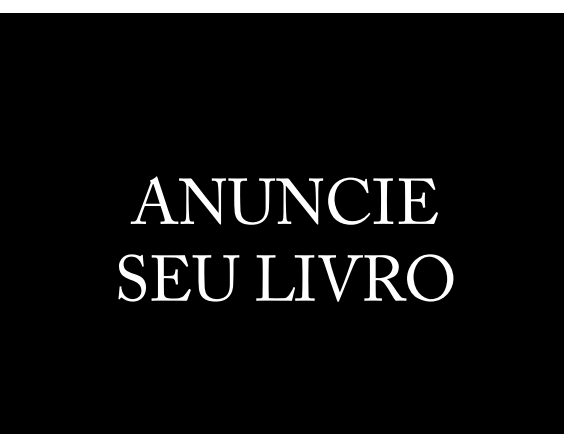
[Clique aqui para Anunciar](#)



[Clique aqui para Anunciar](#)



[Clique aqui para acessar](#)



[Clique aqui para Anunciar](#)



[Clique aqui para acessar](#)



[Clique aqui para acessar](#)



[Clique aqui para acessar](#)



[Clique aqui para Anunciar](#)



[Clique aqui para acessar](#)

CLASSIFICADOS

ANUNCIE
SEU NEGÓCIO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SUA EMPRESA

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU EVENTO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar

Sua marca aqui

Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto
"A arte do banner nós fazemos"

**CLIQUE AQUI
PARA ANUNCIAR**

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates respiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim beatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaandesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaandesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui www.seusite.com.br**

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO SITE

ANÚNCIO 1 - 1196X212



FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 2 - 1000X212



FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 3 - 400X300



FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 4 - 1080X1920

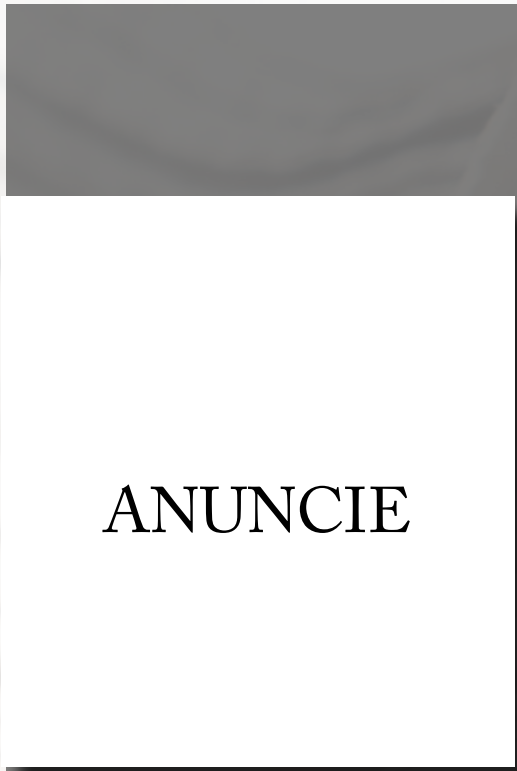


FAZEMOS A ARTE

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO JORNAL EM PDF

Pub1



Pub2



Pub3



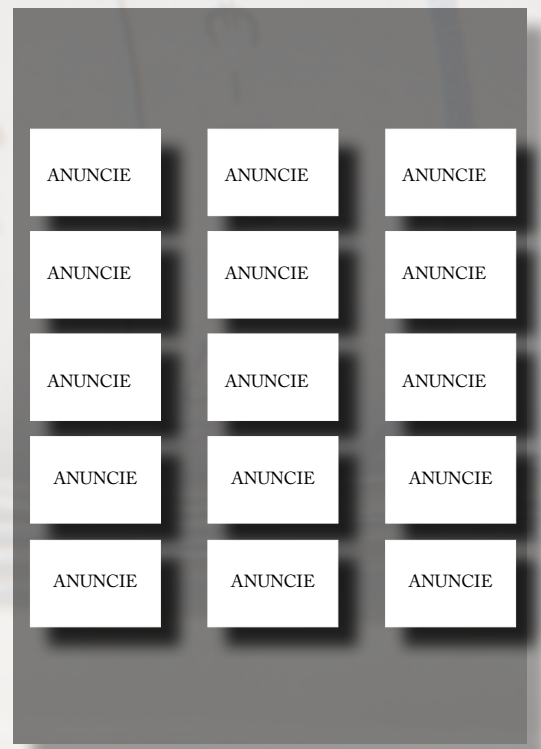
Pub4



Pub5



Pub6



Clique aqui para Anunciar

AGRADECIMENTOS



No dia 08 de Abril de 2026, celebramos a concretização de um sonho coletivo: o lançamento da 8ª edição do **Jornal The Bard News®**, no Brasil e no mundo.

Em um tempo marcado por transformações rápidas e profundas, seguimos acreditando na força da arte, da literatura, da ciência e do conhecimento como instrumentos capazes de construir pontes, ampliar horizontes e provocar reflexões indispensáveis. O **The Bard News** nasce como um espaço aberto, plural e generoso, voltado a todos que compreendem o diálogo, a diversidade e a cultura como pilares essenciais de transformação.

Hoje, nosso agradecimento é sincero e profundo a cada pessoa que tornou este projeto possível. À equipe incansável, que entregou talento, dedicação, noites de trabalho e paixão; aos colaboradores e artistas convidados, que confiaram ao jornal suas vozes, ideias e olhares singulares; a todos que divulgaram, apoiaram, sugeriram e acreditaram desde o início. Nosso reconhecimento especial aos leitores, razão maior da nossa existência e parceiros fundamentais na construção de cada edição.

Ao reunir temas como Arte, Literatura, História, Educação,

Filosofia, Psicologia, Ciência, Tecnologia, Saúde & Bem-Estar, Cultura e Opinião, buscamos oferecer mais do que informação. Nosso propósito é proporcionar experiências, despertar descobertas e provocar inquietações. O **The Bard News** nasce para ser vitrine e espelho do nosso tempo, fiel à missão de abrir espaço para o novo, para o debate, para o questionamento e para a proposição de ideias.

Nesta e em todas as edições, convidamos você a se conectar, participar e compartilhar sua voz conosco. Nosso compromisso permanece firme com o acesso democrático a conteúdos relevantes, nacionais e internacionais, guiados pela ética, pelo respeito e pela inovação.

A todos que caminharam e continuam caminhando ao nosso lado, o nosso mais sincero agradecimento. O **The Bard**

News é, acima de tudo, uma obra coletiva. Por isso, celebramos juntos cada conquista, cada desafio e cada página escrita dessa história que está apenas começando.

A Redação - The Bard News



JORNAL THE BARD NEWS



BAIXE NOSSO APLICATIVO

1

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



OU

SITE

Clique aqui para acessar o Site



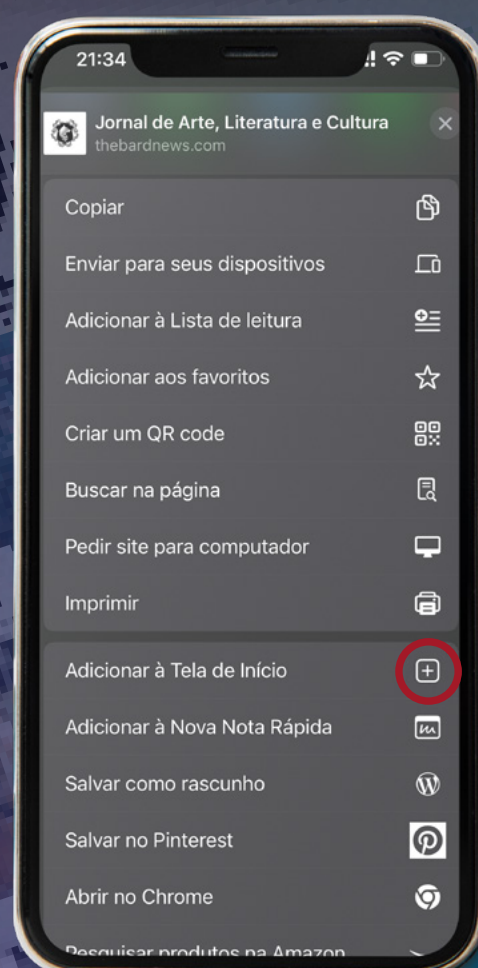
2

Procure este "ícone" no seu navegador.



3

Selecione a opção "Adicionar à tela de início."



4

Clique em "Adicionar"



5

Pronto! Seu app já estará instalado e está na sua tela inicial.

